




Brasil: (im)possíveis diálogos especial

organização

Leonardo Tonus

Christiane Angelotti



 gueto editorial

Brasil:

(im)possíveis diálogos

organização

Leonardo Tonus e Christiane Angelotti



selo gueto editorial

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© João Marcos Buch, Tiago Germano, Manuella Bezerra de Melo, Alexandre Marques Rodrigues, Raimundo Neto, Paulo Dutra, Flávia Rocha, Rosângela Vieira Rocha, Aciomar Fernandes de Oliveira, Rafa Carvalho, Leonardo Tonus, Márcio Benjamin Costa Ribeiro, Lúcia Bettencourt, Deborah Dornellas, Leonardo Valente, Virna Teixeira, Angélica Amâncio, João Maria Cícero, Rodrigo Novaes de Almeida, Lucius de Mello, Kátia Bandeira de Mello Gerlach, Fred Di Giacomo, Carolyne Wright, Maira Garcia, Ana Squilanti, Mariana Salomão Carrara, Christiane Angelotti

Especial Printemps 2020

Selo Gueto Editorial ® 2020

Edição e projeto gráfico

Rodrigo Novaes de Almeida

Imagem da capa

Vitor Rocha

Contatos

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| editorgueto@gmail.com |

Licença

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

edição especial
⊙

Apresentação

O festival *Printemps Littéraire Brésilien* inscreve-se numa perspectiva pedagógica e se estende aos campos da promoção e divulgação da cultura e da literatura lusófonas. Trata-se de um encontro anual inicialmente idealizado para promover e ampliar a formação de estudantes em letras inscritos nos cursos de português em instituições de ensino no exterior. Desde a sua criação, o evento já se consolidou como um importante espaço de discussão literária, potencializando leituras e enriquecedoras experiências transnacionais em torno da língua portuguesa.

Em sua 7ª edição o *Printemps Littéraire Brésilien* contaria com a presença de 70 romancistas, contistas, poetas, ensaístas e atores ligados ao mundo do livro latino-americano, norte-americano e europeu. Ao longo do primeiro semestre de 2020, debates, leituras, saraus literários, ateliês de escrita criativa e lançamentos de livros aconteceriam em diferentes livrarias, centros culturais ou espaços voltados ao ensino primário, secundário e universitário em cinco países europeus (França, Portugal, Itália, Alemanha e Bélgica), em diversas cidades dos Estados Unidos e, pela primeira vez, na África (Senegal).

A situação pandêmica que tomou corpo pelo mundo no início do mês de fevereiro de 2020 e o confinamento generalizado que dela decorreu levaram ao cancelamento do conjunto das atividades da 7ª edição do evento sem, no entanto, alterar a colaboração com os seus diversos atores, dentre os quais a *Revista Gueto*. O presente volume é testemunha desta estreita colaboração.

A partir do tema norteador, “Brasil: (im)possíveis diálogos”, a *Revista Gueto* publicou entre os meses de março e junho 27 textos de ficção e de não ficção de alguns dos autores convidados

da 7ª edição do *Printemps Littéraire Brésilien*. Esta colaboração toma agora corpo sob a forma de um volume *e-book* para download gratuito que evidencia as inquietações de seus participantes diante de um mundo cada vez mais confrontado a derivas totalitárias e às intolerâncias.

Nossos sinceros agradecimentos a Rodrigo Novaes de Almeida por sua infinita generosidade e por acreditar desde o início no projeto. Nossos agradecimentos, igualmente, ao conjunto das autoras e dos autores presentes, apesar das inúmeras dificuldades impostas pela crise pandêmica. Nossos abraços afetuosos aos que, por razões diversas, não puderam aqui estar conosco. Obrigado, também, às leitoras e aos leitores deste volume, os eternos companheiros de nossa estrada.

Os organizadores,

Leonardo Tonus

Christiane Angelotti

Sumário

João Marcos Buch | 08

Tiago Germano | 11

Manuella Bezerra de Melo | 15

Alexandre Marques Rodrigues | 19

Raimundo Neto | 23

Paulo Dutra | 30

Flávia Rocha | 37

Rosângela Vieira Rocha | 40

Aciomar Fernandes de Oliveira | 44

Rafa Carvalho | 46

Leonardo Tonus | 52

Márcio Benjamin Costa Ribeiro | 55

Lúcia Bettencourt | 59

Deborah Dornellas | 61

Leonardo Valente | 65

Virna Teixeira | 69

Angélica Amâncio | 70

João Maria Cícero | 74

Rodrigo Novaes de Almeida | 77

Lucius de Mello | 80

Kátia Bandeira de Mello Gerlach | 85

Fred Di Giacomo | 90

Carolyne Wright | 95

Maira Garcia | 98

Ana Squilanti | 100

Mariana Salomão Carrara | 102

Christiane Angelotti | 103

Sobre os autores | 107

Sentença de morte

Por João Marcos Buch

Eu não sei se quero mais ficar nisso! Com essa afirmação, feita para uma amiga juíza também da execução penal, de outro estado, iniciei um dos dias mais quentes do verão de Joinville, e também um dos mais difíceis. A sensação térmica chegaria aos 49 graus. Tinha passado a noite me virando na cama, o que para mim era muito novo. Não lembrava da última vez que o sono me havia faltado. Sempre tivera muita facilidade para dormir. O motivo da falta de sono, porém, não era o calor. Um apenado havia sido morto dentro da unidade prisional. Detentos morrem o tempo todo, podem dizer. Ocorre que, a não ser que estejamos entorpecidos, nenhuma morte passa por nós impunemente, é da natureza humana fazer uma revisão da caminhada percorrida quando a finitude se impõe ao redor. Ainda assim, se em outras ocasiões eu não perdera o sono, por que agora isso tinha ocorrido? E se eu disser que minha caneta assinou a sentença de morte daquele detento, isso seria o suficiente?

Fazia uns anos que estava sob minha responsabilidade a execução penal de Carlos — nome fictício, mas que agora usarei, não quero mais me referir a ele como detento ou apenado. Numa determinada etapa, tendo Carlos alcançado o direito ao regime semiaberto, não encontrando vaga em local adequado, eu lhe deferi prisão domiciliar. Carlos desta maneira passou a cumprir a nova modalidade de pena, seguindo todas as ordens da justiça. Entretanto, houve recurso sobre essa decisão, que foi provido, ou seja, Carlos deveria voltar para a cadeia. Foi assim que mandei expedir a ordem de recaptura. Sabendo da determinação, Carlos fugiu, desapareceu. Meses depois acabou sendo localizado, preso e recolhido na unidade prisional. Passados poucos dias da recaptura, numa noite qualquer, a mãe de Carlos telefonou para a prisão. Ela dizia que iam matar seu filho. Quando os agentes foram fazer a verificação, encontraram apenas o corpo inerte de Carlos, embaixo de um chuveiro, com perfurações em vários lugares, sem vida. Soube da morte poucas horas após e resolvi que no dia seguinte iria até a unidade prisional. Como juiz

corregedor do sistema prisional eu devia olhar para os detentos, para os trabalhadores do sistema, para a prisão.

Foi o que fiz, após a conturbada noite de sono. Sob impiedoso sol, acompanhado de um assessor, cheguei na penitenciária e me dirigi à sala do diretor. Lá conversamos sobre a cadeia e o porquê da minha inspeção. Em seguida fomos todos ao pavilhão dos fatos. Quando a porta da galeria se abriu, um bafo quente soprou de dentro para fora, fazendo com que sentíssemos o cheiro da prisão, aquele cheiro característico e que só experimentamos em depósitos humanos desprovidos de saneamento, ventilação e insolação. O cheiro tão bem retratado no filme vencedor do Óscar “Parasita”, e tão sensivelmente decifrado pela admirável desembargadora paulista Kenarik [[Kenarik Boujikian](#)], em artigo para o site Justificando.

Sem mais, entramos no corredor da galeria. Os primeiros detentos que me viram logo chamaram os demais, avisando que o “Buch” estava na casa. Em segundos, dezenas deles se agruparam na grade que nos separava. Expliquei-lhes que minha presença se devia à morte de Carlos, mas que não estava lá para investigar, para tratar de descobrir o(s) autor(es) do homicídio e sim para ver se eles estavam seguros. Pedi que pensassem na aflição que as famílias deles, mães, pais, filhos, cônjuges, estavam sofrendo, temendo pela vida deles. Por isso eu lá estava, para tentar compreender a situação e assim exigir das autoridades providências. Respondi a várias perguntas é claro, sobre os processos de cada um, sobre saídas temporárias, progressões ao regime aberto, visitas etc. E ouvi muitas reclamações, em especial quanto a vestuário e alimentação. Por fim, perguntei se eu poderia entrar na galeria, no corredor e nas celas onde eles estavam. Todos concordaram. Mandei abrir a grade e entrei, na verdade, entramos, o diretor e o assessor entraram comigo, mas prefiro descrever a experiência no singular, porque ela foi singular.

Assim que pisei no lado de dentro, a grade logo se fechou atrás de mim. Por breves minutos, respeitadas todas as proporções, eu senti como era estar preso, com a sensação de que meu direito de ir e vir não mais existia e meus passos não mais me pertenciam. Um detento, mais à vontade, falou-me que fazia três meses que andava por aquele corredor, de lá para cá, à espera de uma autorização para trabalho externo durante o dia. Anotei o nome para verificar o processo. Não ingressei totalmente nas celas, pois

percebi o constrangimento dos detentos, sempre educados. Por mais que eles me mostrassem as falhas da estrutura, apontando seus dedos para o teto e para os cantos, eu não poderia invadir sua morada. Fiquei sempre na porta, com meio corpo para dentro. Depois fui até o final do corredor e, no banheiro coletivo, sem ninguém nele, entrei. Lá, por entre azulejos quebrados das paredes, fiações expostas no teto e nos canos de água, atrás de uma cortina de plástico eu vi o exato local onde o corpo de Carlos foi encontrado. Fotos já tinham sido enviadas ao processo e eu delas tomara conhecimento. Por isso eu não vi só o local, eu vi o próprio Carlos. Lá estava ele, caído na minha frente, em desespero, retorcendo-se e pedindo por socorro. Era tarde demais, eu chegara tarde demais.

Esse é o sistema de justiça criminal. Mando pessoas para a prisão e as condeno à morte. Quem está preso está sob a custódia do estado! Foi o estado que criou as facções, foi a cegueira e a complacência, com doses intensas de violência e absoluto desprezo pelos requisitos mínimos para uma vida digna no cárcere que fez nascer os grupos para-legais que tomaram as cadeias em todo o Brasil. Como não assumimos essa responsabilidade? Todos os dias detentos são assassinados país afora. São pretos, são pardos, são pobres. São jovens, muito jovens. Por isso não sei se quero ficar mais nisso, pertencer a esse sistema cruel, violento, desgraçado. Lembro do Valois, meu amigo e irmão, juiz em Manaus, que passou pelo que passou, e ainda está lá, enfrentando o Leviatã. Não sou tão forte.

Comecei a escrever este texto para me salvar. Estou em casa e já é tarde da noite. A esta altura cheguei a uma inexorável conclusão. Minha escrita é irrelevante, minhas escritas são irrelevantes. Nada pode me salvar, nada pode modificar o passado e o que escrevo pouco importará ao futuro. Está sendo assim durante estes anos em que tenho construído essas narrativas. Nada melhorou, nada! Pelo contrário, tudo piorou, todo o sistema, toda a violência, todo o ódio. Escrevo porque sou egoísta, porque o pássaro azul de Bukowski que vive em meu peito me obriga, nada além disso.

Olho pela janela. A rua lá embaixo está deserta. O ar continua abafado. Os galhos das árvores, os arbustos não se movem. Não há uma brisa sequer. Penso em Carlos, na mãe de Carlos. E penso na prisão. Eu saí dela, mas ela não saiu de mim.

Empregadas

Por Tiago Germano

Para Leandro Assis e Triscila Oliveira

“Na família da minha mãe nós somos os mais ricos...”

Ela abriu a cueca branca entre os dedos e pediu que eu colocasse uma perna de cada vez.

“...mas na do meu pai eu já não sei dizer.”

Fez o mesmo com a calça jeans, fechando depois o zíper.

“Talvez os segundos... ou terceiros...”

Colocou o primeiro botão da camisa em sua casa. Deixou que eu tentasse abotoar o resto.

“O tio Duda tem dois carros, então acho que ele é o primeiro mais rico...”

Eu cheguei no botão da gola e percebi que alguma coisa estava errada.

“... e o tio Mário tem duas televisões.”

Ela me mostrou que eu havia pulado uma casa. Tirou os botões das casas erradas e guiou os meus dedos pelas certas.

“Isso sem contar o Master System do Rafa, né?”

Ela penteou o meu cabelo para frente. Depois para trás dividindo no meio.

“Mas aqui na rua sem dúvida nós somos os mais ricos.”

Eu ainda não precisava usar desodorante, então ela colocou a colônia, uma gota de cada vez, bem atrás das minhas orelhas.

“O vizinho pensa que é mais rico só porque tem uma antena parabólica no jardim.”

Ela me fez sentar na cama e calçou os meus tênis.

“No jardim! Você já viu?”

Eu nunca soube como ela fazia aquele nó tão fácil de desfazer, mas que não desmanchava nunca.

“E do que que adianta ter tanto canal só de boi?”

Ela recolheu a roupa suja e fez uma trouxa delas na toalha molhada.

“Na sua casa também tem canal de boi?”

Ela me deu as costas e saiu do meu quarto.

* * *

“São tempos difíceis. Tá quase impossível encontrar alguém de confiança...”

Minha mãe havia se aposentado mas não conseguia dar conta sozinha da casa. Uma diarista vinha uma vez por semana para ajudar na limpeza.

“...e comer de marmita todo dia você sabe como é, né, o seu pai reclama.”

Havíamos recém comprado uma máquina de lavar. Meu pai culpava a função de secagem por ter, segundo ele, encolhido suas camisas de linho.

“Eu já tenho que aguentar a obsessão dele com os fios de cabelo no chão e a poeira nos móveis.”

Meu pai passava os dedos nos móveis para conferir se estavam limpos. Já havia demitido mais de uma empregada por causa disso.

“Isso porque a Cida é limpinha e deixa tudo tinindo na segunda.”

Minha mãe o havia proibido de fazer o mesmo com a Cida.

“Mas sabe como é, né, uma vez por semana... consegue imaginar o tanto de poeira que entra por essas janelas?”

Havia uma obra no terreno da frente. O prédio começava a tomar a nossa vista para o mar.

“Lembra o drama que foi com a Zefa, na época da casa?”

Zefa: melhor bife da infância. Não sabia o que era a parmegiana mas acertou de primeira porque, quando viu a receita, disse que fazia pros filhos com ovo e queijo, sempre que dava pra comprar.

“Cozinha direitinho aquela, mas era porca. Seu pai dava um chique todo dia que passava o dedo no balcão da cozinha.”

Zefa tinha vergonha de comer na mesa mesmo depois de nós. Para falar a verdade, eu nunca tinha visto a Zefa comer.

“Mas pelo menos não roubava, né. Lembra daquela que escondia as coisas de vocês no quintal e depois pulava o muro de noite, pra pegar pros filhos?”

Neide: tinha voltado de São Paulo, grávida aos dezesseis. Foi a maior decepção da minha mãe quando engravidou de novo, ninguém sabia de quem. Meu pai pagou até a licença-maternidade e achou aquele roubo uma falha imperdoável, logo que ela voltou a trabalhar para nós.

“Sabe que a menina dessa Neide passou na Federal agora?

Eu gostava da Neide.

“Cotas, né? E a gente tendo que pagar faculdade particular por causa disso.”

Eu gostava na verdade da vitamina de abacate da Neide.

“Ah, mas a pior de todas foi aquela Nina, lembra, aquela com espírito de rica, que se metia nas conversas?”

Nina, a que mais havia durado. Deu banho de álcool em meu irmão pra baixar a febre e dormiu todas noites em nossa casa quando meus pais viajaram para fora pela primeira vez.

“Aquela eu nem quero saber por onde anda.”

Nina sempre resmungava quando tinha que arrumar a nossa cama.

“A gente sempre teve o dedo meio sujo pra empregada.”

Nina hoje tinha um pequeno ateliê de costura.

* * *

A Cida tinha acabado de ser demitida num acesso de fúria do meu pai, antes de sair para o trabalho.

“Eu digo, a gente só pode ter o dedo podre.”

Na área de serviço, a máquina de lavar ainda terminava o ciclo rápido com todas as minhas roupas acumuladas ao longo da semana. Eu já podia finalmente me vestir e ir para a faculdade também. Eu tinha vergonha de trocar de roupa na frente da minha mãe, então fui para a dependência de empregada.

“Você não se lembra, mas a única que deu certo com a gente pediu demissão quando vocês eram ainda pequenos.”

Troquei primeiro a cueca suja por outra limpa, quentinha, ainda com o calor da máquina.

“Aquela sim, era uma pessoa digna... simples, mas digna. Nunca tive do que reclamar.”

Sacudi a calça jeans ainda meio amassada e a vesti. Primeiro uma perna, depois a outra.

“Era a única que conseguia tirar você da cama de manhã e arrumar a tempo de chegar no colégio.”

Conferi o cheiro das minhas axilas antes de colocar a camisa, ainda com o aroma do amaciante.

“Só que teve esse dia, você não vai lembrar. Ela levou vocês pra escola, fez o serviço da casa, deixou tudo impecável, mas saiu sem dizer nada e encontrei um bilhete dela pedindo desculpas, dizendo que tinha que ir embora e que a gente não precisava se preocupar com o pagamento dos últimos dias.”

Demorei a desfazer o nó cego dos sapatos e a colocá-los nos pés.

“Nunca entendi porque ela foi embora.”

Penteei os cabelos no espelho da sala.

“Engraçado... Por mais que eu me esforce, não consigo lembrar o nome dela.”

Me despedi da minha mãe e só na porta percebi que tinha pulado um botão da camisa.

s/título

Por Manuella Bezerra de Melo

Esperar um anjo com sua trombeta
esperar cuspir as pérolas antes de engolir
os rubis na areia
a areia em cascalhos
os pés sujos de pixe
o pixe sujo de cobiça
as pérolas cagadas dos porcos

Esperar uma noite bonita
um momento sublime
a luz ideal de velas
do lustre
do sorriso do gato
do breu
do silêncio que precede a guerra

Esperar que cresça o filho
um ano tem 365 dias
um filho viverá muitos anos
até que você voltará a dormir
uma noite parcial

nunca mais voltará
nunca mais voltará a dormir

Esperar pelo verão três estações inteiras
tempo é o que dura um terço de um ano
folhas secas animais mortos
pelos de gato nas almofadas
há uma primavera no entremeio
adubo aduba tudo
tudo morreu até você

Esperar que estanque o sangue
contemplar o fim da sangria na jarra
beber o vinho do escuro de um céu
e dançar com o homem coxo
o fado da sereia minhota
sob uma pedra azul brilhante
trazida na valsa de uma águia

Esperar que cresçam os cabelos
os fios do cabelo precisam do sol do verão
não crescem porque são cortados
são cortados por não crescem
queria-os longos mas os corto
como corto minha língua
minhas asas e meus punhos

s/título

Por Manuella Bezerra de Melo

Um dia qualquer, num sonho com a morte
extraviavam miolos numa intangível nau
que boiava ao mar soprada no vento às velas
até alcançar a branca areia latina

Nas imagens desconexas como sonhar o sonho
ou como a dor do sonho e da vida
avistava acordada os sonhos de dormida
e vomitava sob a cama a vontade dos lençóis
em minutos era infeliz e insatisfeita
foi tão forte que doeu a vida inteira

As amigas estavam mortas
e seus corpos foram sepultados neste corpo
condenado a carregá-los no ventre
e as gerar inteiras, restos e suas cóleras

Como mãe, sangrei nas pernas estas vidas mortas
mas como mãe celebrei a glória do gestar
um feto despejado do seu alojamento local
depois esqueci-me do sonho mas fiz notas
nas folhas de uma agenda do ano passado
amassada, foi ao lixo junto as fezes do gato

Merda

Por Alexandre Marques Rodrigues

“Com catástrofes a gente não precisa verdadeiramente de se preocupar, elas surgem com certeza. Mas talvez haja necessidade de as provocar, de vez em quando, porque para virem por si próprias leva muito tempo.” (Thomas Bernhard)

Nós não somos mais um país, o Ruivo disse, saiu da cama: andou pelo quarto a procurar a roupa, o pau insistia ainda em ficar duro, o suor no corpo era um acaso; a televisão ligada, na sala, arremessava o noticiário contra as paredes, os apresentadores, a fingir histerias, se esparramavam pela porta sem pedir licença, sem perguntar Posso entrar. Victor recobrava o fôlego; deitado, seguia o Ruivo com os olhos, revezava os ouvidos entre as notícias e a frase dele, já repetida tantas vezes, Nós não somos mais um país. Por que você sempre sai da cama com tanta pressa, perguntou, disse Eu odeio isso; o Ruivo encontrou a cueca na sala, Era mais fácil quando trepávamos naquele seu ateliê, comentou, ficava tudo junto: a cama, as tintas, as telas, a cozinha, a sua poltrona: eu não perdia minha roupa um pouco em cada lado. Victor resmungou Realmente odeio isso, o Ruivo se assustou O quê, sugeriu Que a casa fique toda junta, e o outro precisou explicar o óbvio, Que você esteja aí na sala, disse, a procurar sua roupa, e não aqui na cama, junto comigo —

ainda assim, o Ruivo resistiu: não voltou para o quarto. Ficou postado diante da televisão. A imagem na tela mostrava uma multidão a se alastrar pela cidade; um jornalista tentava explicar alguma daquelas coisas que eles nunca conseguem explicar, o rei Alberto pega a mesma arma que arranjou na época das bombas, a arma com que brincou de roleta russa com Jacqueline — pega a mesma arma, balança a cabeça como quem lamenta, olha para Larissa. Ela chora; entendeu que não há solução: seja

para o mundo ou para a vida, não há solução, é chegado o reino da merda, não há para onde fugir, não dá para passar uma porta, ir para o lado de fora com quem sai de um bar para fumar um cigarro na calçada; e o tempo não ajuda, não pode, com um soluço, não implanta Larissa de volta para o colo da mãe, para os passeios que dava na praia, segurando a mão do pai, cheia de orgulho por passear com aquele homem que apenas por um acaso era o seu pai. O rei Alberto diz Você já entendeu, Victor ruminou Eu era uma fraude, disse depois em voz alta Eu era uma fraude, Larissa não responde, o Ruivo perguntou O que você quer dizer com isso, continuou a olhar na televisão as pessoas que protestavam mais uma vez. Como se recordasse outra vida, Victor se lembrava, se lembrou, Já quando aquele seu amigo me encomendou as cópias dos quadros, disse, se corrigiu Falsificações, retomou do início, Já quando aquele seu amigo me encomendou as falsificações todo mundo viu, pôde ver: eu era uma fraude, não conseguia nem fazer umas bandeirinhas de merda coloridas com tinta óleo. O Ruivo vestiu a camisa, de volta ao quarto, vestiu a camisa e ficou de pé junto à cama, a velar um morto que tinham plantado dentro de um caixão imenso,

o rei Alberto insiste com Larissa, repete a pergunta, que não é uma pergunta, Você já entendeu, ele repete, ela concorda Sim. Eu olho a janela: você me disse Vai chover a semana inteira, e chove a semana inteira, por isso Larissa continua a chorar, chora com a inevitabilidade das leis da física — suas lágrimas caem como a entropia aumenta, como a inércia impõe a falta de fim ao movimento —; me perguntou O que vai fazer no domingo, me perguntou e eu não sei o que vou fazer no domingo, não sei o que faço hoje, mas Da próxima vez sou eu quem prepara o jantar, me explicou. Você não era uma fraude, o Ruivo disse para o caixão, para a cama, para Victor, que não se levantou, os mortos não se levantam; Apenas se cansou da pintura, o Ruivo ponderou, concluiu É isso, depois citou Igual Roberto se cansou do banco, igual eu me cansei da. Não foi em Natacha que ele pensou, é claro que não: o rei Alberto assente É isso mesmo, Larissa acende um cigarro, ele diz Não dá mais, como quem diagnostica É um câncer, ou É preciso operar, diz Não dá mais; anda de um lado para o outro na sala, não mais a sala onde Larissa tinha escrito na parede uma frase da Ulrike Meinhof —

o rei Alberto anda de um lado para o outro da sala, a arma na mão, de um lado para o outro, a arma que engatilha e desengatilha, de um lado para o outro, engatilha e desengatilha. Acha mesmo que não tem

outro jeito, Larissa pergunta. Eu odeio esse seu otimismo — você me disse Vai passar, me mandou ouvir os discos do Glenn Gould e me disse Vai passar —, Eu odeio esse seu otimismo, rebateu Victor, reforçou Odeio, montou o deboche sobre a cara, imitou o Ruivo, disse em falso A-pe-nas-se-can-sou-da-pin-tu-ra, depois perguntou com jeito de quem repreende, ou mesmo repreendeu Que merda você entende de pintura e de se cansar da pintura; o Ruivo se sentou na cama: pôs os sapatos, Nós não somos mais um país, disse outra vez, a apontar com o queixo na direção da sala, da televisão, das notícias, Não somos mais a porra de um país. Você me emprestou o Torga, eu perguntei se o Houellebecq tinha ficado na sua casa, Larissa duvida Acha mesmo que vai conseguir — O mundo é tudo o que é o caso, Wittgenstein escreveu, abriu com essa sura o Tractatus que você lia ontem —; Ele tem seguranças, ela continua, deve usar um colete a prova de balas, com certeza agora sempre usa um colete a prova de balas,

As bombas não adiantaram, o Ruivo disse cheio de pena, como quem se lembra das flores que se desfizeram quando o vaso caiu da mesa, As bombas não adiantaram de nada. Vê se pega na cozinha alguma coisa para a gente beber, pediu Victor, de repente um morto muito exigente, refastelado em seu caixão cheio de lençóis a imitar a seda, pediu E desliga essa televisão, pelo amor de deus; Eu preciso tentar, o rei Alberto contesta, mostra a arma para Larissa, É o que eu quero, explica, é o que todos querem: é o que eu espero, o que você espera, o que todos esperam. Eu perguntei se você já sabia, você me respondeu Sim, mas não me respondeu, não me disse Sim, apenas acenou com a cabeça, desviou os olhos para o chão, o rei Alberto argumenta Para que aquela gente toda foi às ruas, argumenta sem esperar qualquer resposta de Larissa, ela sentencia Você não vai conseguir, o Ruivo saiu do quarto, foi na direção da cozinha para pegar água, suco, whisky, vinho, chá, qualquer coisa para Victor beber — mas não conseguiu, não passou da sala:

parou outra vez na frente da televisão: olhou a multidão que a câmera, de dentro de um helicóptero, mostrava cheia de semelhanças com qualquer coisa que não era mais humana — a multidão era uma floresta, ou um rio, ou um mar, um deserto imenso a avançar suas dunas sobre a cidade. Não vai resolver, o Ruivo disse, disse É preciso algo mais, disse Desse jeito não vai mais resolver; em dezembro eu era um homem carregando um bonsai dentro do metrô, você se lembra, o rei Alberto recita Eu vou fazer, recita

cheio de ênfases, como se dizer fosse já metade do gesto, Eu vou fazer, completa Vou matar o filho da puta. Victor perdeu a paciência, Quando é que você vai me chupar direito, perguntou para o Ruivo, se ergueu na cama como se tivesse chegado o terceiro dia, Quando é que vai me chupar até o final;

É preciso fazer alguma coisa, o rei Alberto insiste, o Ruivo voltou para o quarto, É preciso fazer qualquer coisa, voltou para o quarto sem água, sem suco, sem whisky, sem vinho, sem chá. Acha mesmo que vai ser assim — foi o que você me perguntou, e eu não sabia: não sei. Sentado na cama, Victor pediu Conversa comigo, pediu para o Ruivo, Larissa olha a arma que o rei Alberto muda de mão, mas não põe sobre a mesa, pede Conversa comigo, você também, Conversa comigo, me pede. É tão simples. Nós não somos mais um país, o Ruivo repete, Victor contesta Nós não somos mais um casal, o rei Alberto pergunta O que há ainda para conversar, você concorda com ele, concorda comigo, Tem razão, diz — Larissa para de chorar, Estou tão cansada, ela suspira —, o Ruivo desvia os olhos de Victor, os arremessa pela janela atrás da cama, onze andares para baixo, você me abre a porta, ele murmura, devagar, uma sílaba de cada vez, murmura

Merda.

As reinvenções de si e a vulnerabilidade como resistência

Por Raimundo Neto

O medo ensinou-me muito sobre mim. Não havia uma dinâmica de perversidade na casa em que nasci, sempre prestes a cair e a ensinar a todas as mulheres e poucos homens que o amor era capaz de arrancar pedaços. Existia um aprendizado de que os sacrifícios e os eternos papéis parentais/filiais eram imutáveis, e que todo amor devia prender, sufocar, desgastar e depois morrer. Parecia-me que o amor era uma porta sempre fechada, e dentro, um lugar escuro e apavorante.

Nasci numa cidade rural do interior do Piauí. Batalha. Eu e alguns dos meus amigos crescemos no armário. Ou fomos empurrados para lá. As cenas de berros de “viado”, bicha, puta, mulherzinha, baitola, foram persistentes ao longo da nossa infância. As escolas que frequentamos foram os espaços mais cruéis. Não entendíamos o que tornava os meninos/jovens/homens incontroláveis em suas raivas, aqueles olhos famintos, aquelas mãos duras, aqueles gritos estridentes.

Nosso corpo tinha gestos desconhecidos para nós. Só começamos a perceber muito tarde que aqueles gritos/risadas/berros chegavam de fora também porque éramos bichas no Piauí. A bicha era tudo que um homem masculino-macho jamais seria. Uma bicha era/é um corpo tipo como promíscuo, sujo, vil, que corrompe, seduz; pernicioso. A experiência da bicha começa(va) e termina(va) no abjeto, até morrer, até hoje.

Éramos crianças. Não fazia sentido os gritos, as risadas dos outros sobre nós. Eles diziam algo sobre nós que era incompreensível. As injúrias começavam na escola, percorriam reproduzidas pela vizinhança, circulavam em casa, e voltavam para nós, aterrorizadas. Tudo o que não entendíamos sobre nós, em algum momento, autorizou jovens homens mais velhos a, além dos gritos, a usarem nosso corpo para algo que, neles, pelo que diziam, era incontrolável. Foi o período da vida em que nós, crianças, bichas, fomos mastigados, tocados, virados ao avesso, sangrados, expostos, pelas mãos, língua, e tudo mais que aqueles

homens tinham em seu domínio. E eles contavam isso para outros jovens homens mais velhos. Isso só parou quando alguns de nós trancaram-se em casa, no armário. O que chegava a ser ridículo. Era impossível escapar do que éramos.

No meu caso, minha mãe sabia de algo. Acho que por isso gritava tanto “Fala como homem, caminha como homem, seja homem”. Dos treze aos vinte e dois anos, isso tudo continuou em outras escalas e aspectos. As piadas tornaram-se mais amplas. As mãos ainda vinham de meninos mais velhos que eu, e depois as injúrias circulavam nas rodas de conversas/fofocas, sobre a bicha que tirava as melhores notas na escola, mas que era bicha.

Aos vinte anos eu sabia que queria ir para longe, ou simplesmente sumir. Tentei morrer duas vezes. Para ir embora eu precisaria aprender a contar outra história sobre a minha vida; eu precisaria que as narrativas sobre mim fossem escritas por mim. Mas como se escreve sobre si e sobre o mundo com medo? Eu achava, mesmo, que era preciso apenas coragem, integral e permanente, para escrever-me.

Enquanto vivi na casa do meu nascimento, o medo era de que alguém me arrancasse do armário, o lugar onde supostamente eu estava seguro. Mas, se era esconderijo, por que todas as pessoas diziam aspectos graves sobre mim que eu desconhecia? Afeminado, veado, molenga, maricas, putinha, frouxo, bicha, bicha, bicha, bicha.

Eu tinha medo que tudo caísse, que todas as pessoas da minha casa morressem, as mulheres que me nasceram. De Batalha a Teresina, meu caminho foi entre injúrias e os cuidados maternos. Uma mãe preocupada e afetiva, e que se incomodava com aquele filho que jamais seria o homem que disseram que ela deveria esperar; porque também esperavam muito daquela mãe como mulher. O discurso das casas vizinhas à nossa, da igreja, da escola, esperava muito de mim e da minha mãe.

As experiências que meus desejos provaram foram me levando para além do corpo. Pessoal e profissionalmente. Eu começava a entender que família não era apenas a ideia mantida e sustentada por muitas instituições, definindo e organizando corpos, desejos, sexualidades e identidades; que dentro daquele espaço familiar acontecem muitas violências, provocando tantos medos; que o amor não brotava com naturalidade como se houvesse uma essência registrada nos genes. Havia algo muito mais complexo.

Havia outros tipos de relações e afetos, construídos, elaborados, sobrevivendo para além das naturalizações e essencializações de mãe/pai/filhos/filhas/homem/mulher.

Nesses caminhos, eu não largava a Literatura. Descobri primeiro um refúgio, depois entendi que podia ser uma saída. Eu me escondia nas bibliotecas que fui descobrindo. Foram os únicos lugares em que me senti protegido. Todas aquelas narrativas, todas aquelas palavras. Depois Guimarães Rosa, Mario Faustino, Caio Fernando Abreu, Clarice Lispector, João Gilberto Noll, Cassandra Rios, Michael Cunningham, Hilda Hilst, Virginia Woolf, Oscar Wilde, João Silvero Trevisan, James Baldwin. Ao ler todos aqueles corpos e afetos, que eu nunca tinha lido antes, senti alívio, alegria, desespero, angústia; senti que era possível seguir sem morrer sempre um pouco mais.

Depois, muito depois, fui pelos caminhos da escrita. Inventei pessoas e futuros. Havia medo em todas aquelas histórias. Eu escrevia invenções sobre mim e, só muito depois, entendi que era sobre outros também. Foi assim que Literatura, memória, vivências e escrita, cruzaram-se diante e dentro de mim, encontrando meus medos. E assim comecei a perceber que, de algum modo, eu não escrevia sozinho. Havia todas as memórias, as minhas e as das minhas amigas, nossas histórias que se cruzaram; havia as casas que caíram e as famílias tornadas ruínas; havia muitos gritos e pedidos de pessoas antes de nós, especialmente as bichas e corpos abjetos invisibilizados. Havia todas as histórias de medo que nos antecederam. E essa mesma escrita do medo proporcionava encontros, quando pessoas desconhecidas se reconheciam naqueles medos.

Entendi muito mais tarde que voltar para o armário era impossível, e também um ato político, como bicha que conquistou alguns privilégios. Voltar para o armário seria me ocultar, e isso reproduziria um princípio heteronormativo de gestão de subjetividades, corpos e desejos.

Em São Paulo, algumas injúrias e violências ocorreram. Eu sentia esse medo me acompanhando, e acompanhando pessoas próximas a mim. Comecei a refletir que o medo também foi um dos caminhos para as minhas lembranças.

Do armário onde vivi durante anos, até a saída da porta da minha primeira casa, depois chegar a São Paulo e suas diversidades, foi um caminho longo; construir uma linguagem contada pelos sentidos

daqueles Brasis que eu vivia e também pelo corpo-bicha escapando das normas foi um dos modos de ser político e resistência. Foi inicialmente um processo um tanto intuitivo de investigar escrita, identidade, memória e afetos.

Quando me aproximei das leituras de Didier Eribon, Butler, Orhan Pamuk, Foucault, Silviano Santiago, Elvira Vigna, Nicole Krauss, James Baldwin, Toni Morrison, comecei a refletir sobre identidade, escrita e literatura:

1. “A injúria não é apenas uma fala que descreve. Ela não se contenta em me anunciar o que sou. Se alguém me xinga de ‘viado nojento’ (ou negro nojento ou judeu nojento), ou até simplesmente de viado, ele não procura me comunicar uma informação sobre mim mesmo. Aquele que lança a injúria me faz saber que tem domínio sobre mim, que estou em poder dele. E esse poder é primeiramente o de me ferir. De marcar a minha consciência com essa ferida ao inscrever a vergonha no mais fundo da minha mente. Essa consciência ferida, envergonhada de si mesma, torna-se um elemento constitutivo da minha personalidade. A injúria me diz o que sou na medida em que me faz ser o que sou.” Para Eribon, um dos princípios estruturantes das subjetividades gays e lésbicas consistiria em procurar os meios de fugir da injúria e da violência, que isso costuma passar pela dissimulação de si mesmo ou pela emigração para lugares mais clementes.

2. O resultado das últimas eleições revelou (revelou para quem?) os conservadorismos e violências sempre presentes. Ou talvez pessoas privilegiadas em suas vivências cis, masculinas, brancas, hetenormativas, sudestinas, tenham percebido com outros olhos e ouvidos tudo que era feito e dito sobre gays, lésbicas, homens e mulheres trans, travestis, negros, mulheres cis, índias e índios, por exemplo. Mas se noticiou aparentemente mais casos de violências especialmente contra pessoas LGBTQIA. Brasil, o país que mais mata LGBTs no mundo, provavelmente continuaria liderando esse ranking, infelizmente.

Refletindo sobre ideias de Orhan Pamuk e Nicole Krauss, concordo que um romance é uma segunda vida, e que quando se escreve um romance descobre coisas sobre si mesmo que eram desconhecidas. Para Nicole Krauss, precisamos ter algo a dizer sobre quem somos, e também por isso estamos escrevendo o tempo todo sobre o fardo das nossas heranças, o que nos disseram/contaram sobre

nós; propondo a ideia da escrita como ficção do Eu, quando assumimos também reescrever quem somos, e contar as narrativas sobre nós de outro modo: contar a história sobre nós do nosso ponto de vista.

3. Ouvi a escritora Elvira Vigna falar sobre seu processo de escrita uma vez, pessoalmente. E acompanhei tudo que foi publicado, e também tudo que foi dito por ela sobre os seus processos de escrita em entrevistas e vídeos. Ao ser questionada sobre literatura e escrita, ela dissera, entre outros detalhes, que só escrevia o que lhe batia muito forte, o que a fazia doer: “Eu exijo de mim uma presença emocional brutal, porque senão não serve. Se eu quero chegar ao outro, eu tenho que me apresentar como apta emocionalmente a chegar perto desse outro. Escrever é um troço duríssimo, te modifica. O que eu busco é o humano. Para mim, Literatura é uma forma de você de dividir, compartilhar experiências humanas.”

Partindo disso e do medo das violências, das injúrias como produtoras/definidoras de subjetividades (particulares e coletivas, resguardadas as devidas interseccionalidades), das memórias de infância, vivências e marcas, das possibilidades de assumir as narrativas sobre o Eu e (reinventar-se) e esse devir e potência, e da escrita e literatura como uma forma de proporcionar encontros, iniciei esse caminho do que também poderia chamar de investigação e produção de algum tipo de linha de fuga, por assim dizer. Embora o começo disso tudo tenha sido intuitivo, só muito depois se tornou algo mais consciente e elaborado.

Assim, se a linguagem inventa mundos, faz sentido dizer que escrever sobre corpos, identidades, sexualidades divergentes das normas vigentes, sobre deslocamentos e diferenças, é possibilitar que outras pessoas se aproximem dessas vidas tão diversas e que durante muitos anos estiveram escondidas e silenciadas, o que possibilitou criar as linguagens e narrativas das personagens que escrevi numa casa/família desmoronando, aprendendo o amor pelo sacrifício e violência, um filho “bicha” que tenta escapar; a linguagem das personagens tentam inventar-se para além do que a norma diz que são. As personagens estão também inventando outras casas, outras famílias e afetos: Todo esse amor que inventamos para nós.

De algum modo, comecei a refletir que a escrita e essa Literatura poderiam ser também processos de investigação, em que as vozes contando as narrativas começavam a se contar na minha história, e por isso

a marca autobiográfica (mas talvez não confessional). Deborah Levi me ajudou a pensar um pouco sobre isso com seu ensaio “Coisas que não quero saber”, quando disse que quando uma escritora leva uma personagem para o centro de sua investigação literária (...) “e essa personagem começa a projetar sombra e luz por toda parte, ela precisa encontrar uma linguagem em parte relacionada ao aprendizado de como se tornar um sujeito e não uma ilusão, e em parte relacionada ao desenlace de como ela mesma foi construída pelo sistema social, antes de tudo.”

Contar ficções buscando quais personagens contarão aquelas narrativas é pensar também as reinvenções que somos, e pensar como fomos construídos socialmente, que sistemas criaram normas reguladoras de famílias e corpos, produzindo “anormalidades”, dissonâncias, violências, e muito medo.

Considero, portanto, que escrever *sobre o medo* é narrar diferenças e reinvenções de si, é contar o caminho do armário até o cosmopolitismo aparentemente dissidente de uma cidade grande, é construir narrativas em que as personagens contam-se diversas, portas abertas, inventando outros afetos, escritos ou não por pessoas que se identificam a partir dessas dissidências. Escrever *sob o medo* é também promover encontros, resgatar humanidades, que é uma das muitas possibilidades da Literatura e da escrita; promover encontros entre diferenças, entre pessoas, e que esses encontros possibilitem outras descobertas e outros caminhos.

Escrever, mesmo com medo, como a possibilidade de transformação, não para produzi-lo ou reforçá-lo, mas para enfrentá-lo, à medida que nos reinventamos. Escrever o medo para resistir.

O meu medo nasceu no armário. Havia uma instituição contando algo sobre o meu corpo e meus afetos, dizendo-me inadequado. As vozes ao redor aprenderam sobre corpos abjetos e empurraram tantas outras bichas para dentro do armário ou para dentro de casa, aquelas que sobreviveram. O medo vive dentro de casa também, reproduzido, reproduzindo, camuflado como amor.

Escrever o medo é assumir o que nos falta, o que nos dói, partindo de incertezas, mas a observar urgências e dissidências indomesticáveis, e entregar-se ao impossível; é reinventar-se e seguir; é seguir rumo ao Eu em construção que sou/somos e que pode ser tantos outros e outras. É inventar estéticas com as

palavras, comunicando-se com todas as produções artísticas nos muitos Brasis que existem, é também questionar regimes de identidade à medida que esses criam silenciamentos e marginalizações.

Escrever o medo é assumir os riscos, incorporar resistências e inventar uma casa nova e outros afetos; é inventar o amor que queremos para nós, todos os dias, antes de quase morrer mais uma vez, e mais uma vez, e mais uma vez, todo dia.

Escrever sob o medo, com o terror à espreita, é também criar linhas de fuga, buscar coerência entre falar/agir, manter encontros potentes e honestos com pessoas e afetos, a assumir vulnerabilidades para identificar modos de resistir, e seguir, seguir, seguir.

Bem-aventurados os que choram II

Por Paulo Dutra

Bem-aventurados os que choram. Deus, em sua infinita sabedoria, deixou, por meio dos evangelistas que discorreram sobre o assunto, no famoso sermão da montanha, sentença de suma importância. Tudo isso pensava diariamente Didico, no trajeto Caxias-Fundão, já se vão uns dez ou vinte anos. Bem-aventurados os que choram porque eles serão consolados nunca chegou a ser a bem-aventurança favorita na época da escola bíblica; sempre gostou mais do bem-aventurados os puros de coração porque eles verão a Deus, sem saber ao certo o porquê. Primeiro foram os textos sagrados, depois os seculares, mas sempre nos textos buscou respostas para os questionamentos que “Chico o herói” preferia não perquirir. Do Gênesis ao Apocalipse. Das bulas papais aos tratados de São Tomás de Aquino. De Ellen G. White ao Livro de Mórmon. Do Conde Lucanor à Conceição Evaristo. Do Facundo a Boquitas Pintadas. Filosofia que não fosse antiga e grega só por intermédio e filtro cultural de cor local de Machado de Assis, Kafka, Rosario Castellanos, Cervantes, pra não perder tempo valioso com bobagens de puxa-sacos. Ainda assim, nada, inútil a filosofia pseudo-universal branca e grega. Bem-aventurados os que choram porque eles serão consolados. Didico pensava. O maior mistério de todos. Há quem diga que o maior mistério é como diabos Noé aguentou tanto bicho dentro da arca, porque o porquê de eles não terem devorado uns aos outros o padre Antônio Vieira já explicou. Há os que dizem que o maior mistério é de onde saíram as mulheres de Caim e Abel. Para outros o maior de todos os mistérios é como um camelo passa por uma agulha (e há ainda os que acreditam que o maior mistério é quem matou a praga da Odete Roitman). E, aqui, soma-se o mistério contemporâneo de onde está um fulano que rima com nós, “mais não é nois, tálgado?”. Todos mistérios para os quais há respostas fáceis, e elaboradas também. Basta ir na casa desse povo que tem 20 gatos dentro de casa por exemplo ou na casa de um fumante para descobrir que há explicações científicas para o mistério de Noé; e porque quase ninguém quis entrar na Arca. Concluía

Didico. Isso pra não falar dos milagres porque já estaríamos entrando em outro problema. Afinal de contas, quando descobriu que Machado não era branco, Harold Bloom disse que ele era um milagre. Carlos Fuentes também disse isso, mas não sei se sabia ou não que Machado não era branco. Milagre? Tá certo, tá certo, tá certo. Branco escritor é obra da natureza, preto escritor é milagre. De chorar. Didico divagava. Cada um desses mistérios já tinha sido mistério e deixado de ser alguma vez na cabeça de Didico. Assim como a dúvida se Vida Boheme voltou em casa ou não afinal. “Bem-aventurados os que choram porque eles serão consolados”, porém era mistério indecifrável. E não é porque há causa e efeito na sentença, mas sim pelo simples fato de que, ora bolas, se choram é para serem consolados e se serão consolados é porque choram. Didico não chorava. Não é que não tivesse chorado nunca, mas fazia já uns 10 ou 20 anos que não chorava. Devia ter chorado quando nasceu já que é o que todo mundo diz. Pra mamar não deve ter chorado porque a mãe dizia que nunca gostou de leite. Como nada disso adiantava, dedicou-se então a lembrar das vezes que chorou. Do físico ao emocional. Da causa negativa à causa positiva. Esforçou-se para lembrar. Um corte no pé, um soco no olho, um soco na boca do estômago, um arranhão no joelho, um chute no saco de vez em quando, uma pirraça aqui, uma chinelada ali, uma mordida de cachorro, uma bola de couro de presente, um Atari, uma piada bem contada, uma “bezetacil”, a primeira dura da PM, a última dura da Civil. Chegou à conclusão de que chorou muito na vida. De dor, de raiva, de tristeza, de alegria, de tanto rir, de fome, de gulodice, de remorso, de compaixão, de mentirinha, de solidão, de vergonha (naquela vez que não quis comer no prato de lata de goiabada), de acanhamento (daquela vez que comeu no prato de lata de goiabada), de medo, de saudade, de se mijar todo, de desespero, de dor de cotovelo, de soluçar, de molhar as páginas do conto que reescrevia. Finda a tarefa de lembrar não somente as vezes que tinha chorado como também as forças motrizes por trás de cada uma delas, restava apenas repetir uma por uma cada situação. Método científico, aceito pela comunidade internacional (ou seja: o que a empreitada colonial estabeleceu), mais óbvio para chegar a uma conclusão. Começou pela física. Infligiu-se um corte no pé encima da cicatriz original. Um corte que não havia doído e por isso quando apercebeu-se da quantidade de sangue desabou em choro convulsivo. Com o caco de vidro ainda fincado no pé viu o rio de sangue aumentar a poça ao redor do pé. Nada. Nem

uma lágrima sequer. Nem na hora da anestesia para a sutura necessária. Curado o ferimento, continuou científica e sistematicamente esgotando a lista. Numa briga de trânsito, provocada, obviamente, eliminou da lista o soco no olho, o soco no estômago e o chute no saco de uma só vez, além de uma costela quebrada que veio de brinde. Nada. Nem uma lágrima sequer. Eliminadas as causas físicas passou às emocionais. Entre as coisas que já tinham provocado o choro proveniente de sentimento de raiva, cogitou uma final de campeonato em que o Flamengo perdesse por burrice do treinador mas isso implicaria esperar por um evento sobre o qual não teria nenhum controle e que, além do mais, já tinha testado mesmo que involuntariamente, portanto descartou a ideia. Como uzHômi hoje em dia anda de fuzil e circula “na rua com uma descrição que é parecida com a sua cabelo cor ou feição” (e idade, interseccionalidade! vejam só!), pulou essa parte e resolveu então praticar a subida de elevador na zona sul do Rio de Janeiro, não sem antes reler o “Fala, Fera”. Por uma semana, três vezes ao dia, tentava subir nos elevadores sociais de Copacabana e o resultado sempre era a insistência do porteiro em que usasse o elevador de serviço e raiva profunda que dele se apossava. Nada. Nenhuma lágrima sequer. Lembrou do personagem do Rubem Fonseca que via televisão para aumentar a raiva (ou era o ódio?), mas preferia desistir da empreitada a submeter-se à tamanha tortura; fazia já uns 5 ou 10 anos que tinha se livrado do vício da televisão. Como solução, passou então a ler crítica literária para aumentar a raiva. Leu e leu o máximo que pôde as bajulações hiperbatônicas de praxe aos textos ficcionais, escritas por homens brancos na faixa etária de 30 a 55 anos, e publicadas no eixo Rio-São Paulo, que formam o grosso da tão nobre disciplina. Náusea imensa, mas nenhuma lágrima sequer. Matou uma cambaxirra com uma pedrada certa, matou outra com requintes de crueldade, e, para quem já fazia uns 10 ou 15 anos que literalmente não matava nem insetos (pegava com uma folhinha de papel e colocava pra fora do recinto) o remorso foi colossal. Nada. Nenhuma lágrima sequer. Isolou-se de tudo e de todos e a saudade doeu, virou desespero. Fez greve de fome. Comeu arroz com feijão e usou lata de goiabada como prato na calçada do copo-sujo na central do Brasil. Ganhou um concurso de quem comia mais cachorro quente depois de reler *O Rapto do Menino Dourado*, a indigestão foi quase fatal. Nada. Nenhuma lágrima. Viu e reviu os shows do Richard Pryor riu e reri e gargalhou. Nada. Nenhuma lágrima sequer. Terminadas todas as possibilidades da lista voltou aos

textos, não sem antes reescrever aquele conto mais uma vez. Nada. Revistou textos antigos e contemporâneos. Releu o *Dom Quixote* e a frustração de que até Amadis de Gaula tinha fama de chorão criou uma sensação inexplicável. Releu *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Leu pela primeira vez uma tradução de “Boquinha” que encontrou por acaso (será que ele chorou depois da coça que levou da coroa?). Releu “Diante da lei” e depois *O processo* todo de novo e depois *María*, com toda aquela agonia que se sente. Releu as últimas páginas de *enquanto os dentes*. Nada. Nenhuma lágrima sequer. Releu o capítulo “Das negativas” e lembrou que também não alcançou celebridade com aquele conto, não foi ministro, nem califa. Nessa busca textual por uma resposta ao grande mistério foi que, nos vais e vens entre textos antigos e contemporâneos, tropeçou em Sor Juana. Por que diabos só se lê a “Respuesta” nas aulas e nunca os textos que deram origem ao acontecido? Manuel Bandeira tinha feito um comentário sobre a tal “Carta Atenagórica” mas isso não importa para a crítica literária e, como, não acrescenta nada de emoção ao conto, melhor deixar pra lá. Deu graças a Deus pelo padre Antônio Vieira, pelo barroco e pela existência do silogismo. E foi então, não sem antes usar o método de Pierre Menard para entender Sor Juana (aprender o espanhol do século 16, aprender a fé católica etc, reler Quevedo (meus deus que cara arrogante), Góngora, e o padre Antônio Vieira (meu deus que sujeito marrento), que se dedicou novamente à prática para desvendar o mistério. Deu graças a Deus por Sor Juana comprovar, enquanto destrinchava os silogismos do marrento Padre Antônio Vieira e destroçava seu argumento, que a dor que dá lugar ao pranto é menor, enquanto que a maior de todas embarga o pranto. Descoberta a consequência, faltava descobrir a causa. Dedicou-se então a desvendar o segredo de qual seria essa dor maior. A dor que suplantava a todas as demais. Como não tinha estômago nem pra psicanálise nem pra psicologia, nem cogitou procurar nessas disciplinas respostas, afinal das contas Fanon nunca foi bem recebido, na verdade, nem recebido, pelos cândidos defensores da “universalidade”. Já sabia que acharia um universalizante trauma de infância de gente branca como possível causa, bla bla bla. Dias e dias examinou a memória e a consciência em busca da solução. Mas a consciência e a memória vinham dos livros e da escola bíblica. Voltou aos livros e à bíblia. E não porque quizesse acrescentar um versículo ao evangelho. Tinha horror à formulas gastas e, afinal de contas, o bem-aventurados os que não descem sempre pareceu caô de defunto

beijoqueiro. Bem-aventurados os que não descem ... pode até ser ... sei lá ... mas e os que descem? Os que não descem ficam lá em cima e, portanto, Bem-aventurados os que sim descem porque deles são as areias da praia de Copacabana nos dias de real grandeza tudo azul o mar turquesa a la Istambul enchendo os olhos dos que não descem. Leu e releu. Leu e releu. Lia e relia obstinadamente e já não fazia outra coisa. E não é que Hermes fosse culpado não. E não é que Hermes fosse culpado não, afinal de contas o coitado do Hermes não tem culpa se a hermenêutica foi universalizada apesar de insuficiente e limitada (e aqui sou eu que tô dizendo, não é o Didico não, “quem é preto como eu já tá ligado qual é”, mas talvez seja melhor explicar para quem é preto, mas não como eu: Hermes não conhecia Esu... , Hermes não conhecia Esu... nem eu naquela época, pensava Didico. Como na leitura não achava resposta, decidiu voltar a reescrever aquele conto enquanto continuava sua agora incansável Esu-’tufunaalo para interpretar o mistério. Decidiu voltar a reescrever aquele conto, mas começou a se arrepender porque lembrou que o senão de um conto, o maior defeito dele é você leitor, é você leitora. Você ama a narração apumada e nutrida de símbolos positivos da negritude e referências aos orixás bem explícitos, o estilo regular e fluente da estrutura do conto tradicional-moderno (inventada pelo Edgar Alan Poe ou pelo Horácio Quiroga, diga-se de passagem), o despertar de emoções à flor da pele, e, ainda por cima (mais costume que amor), infestada de pretéritos-mais-que-perfeitos simples e pronomes oblíquos átonos nunca presentes nas bocas de ninguém a não ser (inconscientemente) na dos narradores e narradoras dos autores e das autoras que, por ganharem o prêmio Jabuti (ou vice-versa), são (inconscientemente) reproduzidos em qualquer literatura, independente(mente) da cor, e, claro, na daquele narrador (tá lá um corpo estendido no chão) de futebol da TVE; e este conto e o meu estilo são como os temulentos, guinam à destra e à sinistra, caminham e empacam, murmuram, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e desabam... se estabacam! E não é que eu “quero chorar! Não tenho lágrimas...” como naquele samba. Eu tenho. E te daria uma lágrima, talvez assim você achasse emoção no conto e chorasse comigo no final. Didico se emocionava e se animava com a ideia de chorarmos todos e todas, juntos, no final. Crescia nele uma expectativa e pensava no insólito dessa técnica narrativa que faz com que em vez de o narrador manipular o personagem e ação para criar expectativa na leitora e no leitor é o leitor e a leitora que criavam no

personagem a expectativa de chorarmos todos e todas, juntos, no final. Lembrou daquela parada que o professor Jorge falou no boteco aquela vez. Fora da sala de aula o professor Jorge era Jorge Makumba e botava a mão na boca com o indicador estirado ao lado do nariz e dizia “ô rapá! É o seguinte: navio negreiro não dá ré não aí”. Mas lembrou que isso foi a mó tempão.

— Há um tempão!

— É... isso mesmo que eu disse! Foi a muito tempo.

— Há!

— Não é isso que tô dizendo?

— Não. Você disse a um tempão.

— Então! Foi a muito tempo!

— Foi Há Muito Tempo!

— O que que eu disse?

— Que foi a muito tempo.

— E qual o problema? Não foi a mó tempão, não?

— Não é foi a muito tempo, é foi há muito tempo. E é vício, não vicio.

— Que? Cumé?

— É VÍCIO! Não vicio! É quisesse, não quizesse! E é a fórmulas não à formulas!

— Iá! Ô bichão! Traz a conta aqui!

Foi nisso que o Buiu passou batendo um samba antigo na caixinha de fósforo “a minha alegria atravessou o mar... levei o meu samba pra mãe-de-santo rezar contra o mal olhado carregou meu patuá”. Assim, de repente, “a minha alegria atravessou o mar”, que uma fagulha acendeu lá dentro, “a minha alegria”, e apagou, “o mar”, toda a memória e a consciência, “é hoje o dia da alegria e a tristeza nem pode pensar em chegar”, e finalmente, num reboot, numa (re)tomada de consciência (e nem foi como a Rigoberta Menchú não) gritou Ttufunaalo!!!! e entendeu o mistério das lágrimas que não se manifestam e

aqueles versos “cabe em um olho e pesa uma tonelada”. No mesmo dia abriu uma janela em direção ao leste e desde esse dia em diante nunca mais leu nem escreveu. De dia sentava no tamborete na encruzilhada, de noite sentava no parapeito da janela. Mudou de nome, não no R.G., claro. Contemplava o horizonte por longas horas e escutava, escutava, escutava, escutava até achar que escutava algo mesmo e que eram histórias e histórias e histórias muitas histórias todas as histórias em línguas tão bonitas tão bonitas já contadas e depois roubadas contrabandeadas e patenteadas em outras épocas e paralelos... então os olhos marejavam e marejavam e marejavam. Mas, nada, nenhuma lágrima sequer se aventurava a deixar o berço, a fazer a travessia. Elas ficaram do lado de lá. Este era seu B.O. pra eternidade: ficar ali sentado dia-e-noite ou levantar e ir ao encontro das lágrimas.

Janaína

Por Flávia Rocha

Janaína talvez perca
a guarda dos filhos. Distraiu-se
e o bebê se queimou
na prancha de alisar o cabelo.
Dali foi um pulo. Nunca
terminou de encher a banheira
para lavar as crianças.
O medo do leva
não leva ao médico
escreve negligência
num formulário, interpreta
como estatística o que se sabe
de uma mãe: negra
solteira, pobre. Que ela ame
os filhos é circunstancial
que os filhos a amem
é alguma esperança.

Neblina de fumo

Por Flávia Rocha

Tambores despertam santos
na neblina de fumo.

Entramos —

galhos cruzados fechando as estrelas.

Minhas mãos sobre os seus ombros
no túnel da infância.

Tambor pausa.
A entidade se aproxima.

Na voz escura
a entidade se acriança

solta os fios dos cabelos
com seus dedos invisíveis

acha graça de estarmos ali.

A mãe diz *espera* —

Velas tremulam no escuro,
abrem os olhos dos santos.

Tumulto no altar de perfumes.

Tambor pausa —

Que coisa linda. Que coisa linda.

O pêndulo de mistério rosna e brada.
A mãe chama os santos em torno.

Poesia — Poesia —

A vizinha

Por Rosângela Vieira Rocha

Marlene conhecia a menina desde pequena. Praticamente a viu nascer, quando morou naquele edifício pela primeira vez. Depois se mudou, alugou para outra pessoa, passou anos em outra cidade, mas acabou retornando.

Liliane já era adolescente e surpreendentemente mal-educada. Discutia alto com a mãe, xingando-a de vaca, além de arrastar móveis de madrugada, ouvir música até tarde, bater portas, andar de sapatos de saltos altos no piso de cerâmica antes das sete da manhã, correr pelo apartamento chorando, quando estava irritada. Como morava no andar de baixo e cuidando da própria mãe com Alzheimer, Marlene vivia cansada. Resolveu mandar fazer isolamento acústico em dois cômodos: no quarto de dormir e no que usava como escritório. A firma encarregada do serviço foi taxativa: o ruído diminuiria apenas uns 60%, pois esse tipo de providência deve ser tomado na construção do edifício ou feito no piso do apartamento de cima. No teto, o efeito é significativamente menor. O teto foi rebaixado e o espaço, preenchido com caixas de isopor, mantas de proteção e borrachas sintéticas. O apartamento teve de receber nova pintura e, no final, foi um rombo no seu orçamento.

Tanto a mãe quanto a filha não gostavam de Marlene, embora ela não soubesse o motivo. Era tratada com frieza e até mesmo desconfiança, quando se encontravam no elevador. Mesmo depois do isolamento acústico, ela teve de fazer reclamações, pedir a intervenção do síndico, mas tudo em vão. Não havia confrontos; tampouco soluções.

Além de cuidar da mãe — supervisionando o trabalho das cuidadoras, entre outras tarefas —, tinha horários rígidos no banco onde trabalhava e contava os dias para a aposentadoria, que ainda demoraria.

Certa manhã, quando foi abrir a porta do carro, ao pegar na maçaneta, sujou as mãos com um líquido vermelho e levou susto, achando que era sangue. Voltou ao apartamento para lavá-las e então

percebeu que se tratava de ketchup. Pegou um pano, limpou cuidadosamente o local e foi para o trabalho, atrasada quinze minutos. O chefe lhe lançou um olhar gelado, quando a viu, como se dissesse atrasada de novo, dona Marlene?

Intuíra que só podia ser obra das vizinhas, talvez da jovem, mas não havia provas. Como o prédio não tinha garagem, passou a procurar vagas cada vez mais longe, até em edifícios próximos, fugindo da estranha sanha.

Meses depois, certa noite, só conseguiu estacionar exatamente embaixo do apartamento. Quase vomitou quando viu o ovo recém-quebrado no capô do automóvel, com a gema escorrendo sobre o para-brisa, na hora exata de levar a mãe ao médico. O porteiro se prontificou a limpar rapidamente a sujeira e as duas conseguiram chegar a tempo.

Daquela vez, não se conteve e procurou o síndico. Tudo indicava que o ovo teria sido jogado da área de serviço do apartamento 801, disse. Ninguém viu, mas o síndico, zeloso, bateu de porta em porta, pedindo mais educação aos moradores. O responsável não apareceu, como era de se esperar.

Todos naquela entrada conheciam o capricho de Marlene. Apaixonada por decoração, possuía móveis bonitos, miniaturas de cristal, pratinhos de porcelana, tapetes orientais — embora os tivesse guardado depois da doença da mãe, com medo de que tropeçasse. As janelas eram limpas todas as semanas pela diarista e reluziam.

Numa tarde, voltando do trabalho, sua ajudante avisou-a de que havia um tipo de sujeira diferente nas janelas, que não saía de modo algum, por mais que se esforçasse. As duas examinaram detidamente os vidros e concluíram que se tratava de uma mistura de cinza de cigarro com algum tipo de cola. Como as janelas abriam para a frente — não eram de correr — os vidros eram alvos perfeitos para receber a sujeira jogada de cima. Esses episódios se repetiram por anos. Paciente, a diarista chegou a usar inclusive água rás, mas as janelas nunca mais voltaram a ser limpíssimas como antes. Sempre havia um restinho, um respingo, uma gota a empanar o senso estético e o gosto de Marlene pela limpeza.

Quando sua mãe faleceu, ela anunciou a venda do carro, pois pretendia fazer uma longa viagem. Queria visitar primas que moravam no litoral, tomar banhos de mar, distrair-se um pouco, aproveitando a

licença a que tinha direito e um período de férias. A vizinha lhe pediu prioridade e lhe ofereceu um valor justo pelo veículo. Fecharam a venda; tudo parecia correr bem.

Durante alguns anos, mãe e filha a trataram de maneira civilizada, quase cordial. Cautelosa, Marlene não se aproximou muito, mas acreditou que o fato de utilizarem o carro que havia lhe pertencido representava um acordo de paz, uma espécie de bandeira branca. Foi um alívio, pois tudo que queria era viver em paz e não arrumar arengas com a vizinhança.

Depois veio o ano dos painéis contra Dilma e ela nunca viu nenhuma manifestação das vizinhas, enquanto outros moradores quase lhe furaram os tímpanos, com a barulhada. Marlene votou na ex-presidente, sempre achou que houve golpe, mas se manteve quieta durante as manifestações.

Às vezes perguntava a si mesma o motivo da rejeição de mãe e filha. Nunca lhes fizera nada de mal e por isso não conseguia entender. Mas, pensando no passado, lembrou-se da existência de episódios do mesmo tipo, inclusive do bullying de que foi vítima na escola fundamental, por causa de suas notas altas. Coisas da vida, pensava. No mundo, há casos incompreensíveis, tudo pode ocorrer.

Eleito o novo presidente, de quem Marlene nunca gostou, chegou o dia do início dos painéis contra ele. Indignada com a vergonhosa gestão, Marlene não suportava a figura e resolveu, pela primeira vez na vida, pegar sua panela. Munida de colher de pau, foi para a janela da sala. O barulho, bem mais discreto que o do passado, quase foi abafado pelo vizinho do lado, que tocou o hino nacional na clarineta. Irritada, ousou até gritar: Lula, Lula, viva o Lula!

Quando voltou ao quarto usado como escritório, onde passava a maior parte das horas quando estava em casa, reparou que nas janelas havia respingos de cinza misturados com cola, aquela mesma gosma nojenta que tanto a incomodou em outros tempos. Agora seria pior, pois dispensou temporariamente a diarista, embora continue a depositar o valor dos serviços. Teve de aderir à quarentena imposta para evitar a transmissão da Covid-19, uma doença transmitida por um vírus que está matando milhares de pessoas no mundo inteiro. Então, entendeu: era o preço pago por bater panelas contra o presidente. As vizinhas deviam ser suas fãs incondicionais. O frágil equilíbrio pelo qual tanto lutara, tentando se conter e suportando as ofensas calada, sempre visando a harmonia e a paz, se rompera.

Indignada, Marlene pensou em reclamar, mas foi tomada pela mesma impotência de antes. Iriam negar, é claro. E talvez acrescentar que ela via coisas inexistentes, que ficou muito solitária depois da morte da mãe, esses argumentos pseudopsicológicos que as pessoas miúdas, inseguras e mesquinhas usam para projetar o seu lado sombrio e malévolos sobre as outras, feitas de bodes expiatórios. Gentinha — termo muito antigo, usado por sua avó, um tanto preconceituoso, mas aplicável ao caso — nunca assume nada. Distorce a realidade, age às escuras, fazendo caras e bocas e passando por santinha. Do pau oco, óbvio. Recusa-se a ver sua própria imagem no espelho. A covardia é a sua principal característica.

Nas crises, tanto políticas quanto sanitárias, demônios internos de toda ordem parecem vir à tona. Tanto o ódio disseminado por políticos irresponsáveis quanto as desigualdades — sociais, econômicas, educacionais e culturais — são terrenos férteis para a prática das grandes e pequenas maldades.

Primavera

Por Aciomar Fernandes de Oliveira

Ainda haverá uma primavera
Mesmo que por hora eu não possa ver as flores
Deixo florescer minhas sacadas
Com a poesia que há na vida

Ainda haverá uma primavera
Enquanto se achem corações atrevidos
Para sonhar alegrias por vir

Alegrias e sorrisos
Desses que desafiam a lógica da existência

Ainda haverá uma primavera
Se houver paixões a serem vividas
Dessas que inspiraram Tristão e Isolda
E tantos amantes
Cujas palavras jamais dão conta de narrar

Esses amores além da palavra
Que os poetas insistem em fingir e imitar
São também uma primavera

E que haja versos
Pulsando como estrelas

Cujo brilho perdura
Anos luz após o seu findar
Desafiando a lógica do tempo
Existindo
Quando humanamente não é possível

Que haja primavera
Onde o solo e a matéria dizem não
Nestes territórios improváveis do viver
Já que a vida
é a eterna e divina lembrança
de que a primavera sempre retorna

E a vida
Guerreira mítica
Impondo-se como revés d
as mais brilhantes teorias
Se refaz das cinzas
Essa é a sua natureza

Após o vento
A tempestade
O frio
E o calor
Ainda haverá uma primavera

ph neutro

Por Rafa Carvalho

se eu soubesse antes. de onde estaria hoje. talvez tivesse andado diferente.

será que a gente mudaria mesmo o presente se soubesse o futuro. será que cheguei àquela idade de que meus pais e os demais falavam e parecia ser um tempo que jamais chegaria a mim. e o passado se mudasse. mudaria consigo este instante.

talvez. talvez não desse pra chegar aqui por outra via e mudar a via fosse o mesmo que mudar todo o destino. ou vai ver que todos os caminhos levem mesmo pra roma. o problema neste caso é que toda língua tem sua maldição. à minha física corpórea por exemplo a maldição é a ausência do silêncio tantas vezes. e a ausência do beijo. da lambida na pele alheia orelha cangote axila costelas. cristas ilíacas. glândes e clítoris. e cus. foram essas as minhas maldições de língua até aqui. essas e queimá-la todo santo domingo de pressa à lasanha da nonna. quando ainda menino.

mas a maldição da língua portuguesa ou pelo menos uma delas é ser o amor roma ao contrário. assim todos os caminhos de repente nos levassem ao avesso do amor. o seu completo oposto. por isto camões afundou dinamene. é uma língua que desvia. converte as apostas dos poetas.

de fato para amar em roma precisei sair um pouquinho. era uma pasquetta e fomos a um lago. bem nas beiras à cidade. senti a textura da calcinha de benedetta. era como a de muriel muitos anos antes. e não vi a cor mas imaginei madreperla. enquanto a de muriel num relance das luzes do poste em recorte e viés

pelos vidros do carro eram de um laranja meio róseo. um salmão forte exagerando o tom de alguns mamilos e pequenos lábios. algumas pessoas veriam ali qualquer coisa um pouco mais branda de iansã.

rosana tinha uma calcinha verde-limão com uma careta engraçada na bunda. foi tirando essa que tivemos nossa primeira vez. depois as calcinhas na dinamarca se puseram tão diferentes. e a joana me ensinou em lisboa que eram na verdade cuecas.

eu fiz um fado com isso.

e pensando melhor hoje. tive mesmo um fado com calcinhas. sempre desconfiei que fossem mais confortáveis. minhas amigas adolescentes fãs de spice girls diziam que o beckham usava. e me incentivavam a fazer o mesmo claro. o estranho é que tinha já provado os sutiãs e saltos altos de minha mãe. batom. mas uma calcinha nunca.

sempre amei as rendas. sempre amei as cores. as verde-limão inclusive. amava também as lúdicas com caretas e outras gracinhas. a calcinha comestível sabor abacaxi que um amigo trouxe a meu pai do paraguai. lembro que a comemos em família e era como uma sacola de mercado derretendo pela boca. as calcinhas da hello kitty de mimiko. as samba-canções. aquelas que lembravam boxers ou shortinhos muito curtos. seus diferentes tecidos cortes texturas. amei as que existiam para seduzir. e as que seduziam por existir tão confortável corriqueira e não pretensiosamente. as esgarçadas e bege. as de domingo e das férias. a sem costura de sara. a inexistente em aline. aquela da gisela sempre pronta. com zíper.

mais ou menos práticas. algumas caríssimas. e as que vinham das baciadas lá do brás. aliás. lembro que do apartamento por são paulo eu mirava as janelas das áreas de serviço. pequenas lavanderias basculantes de banheiro. observava as roupas dos varais de suas donas. masculinas femininas não

importava. imaginando suas personalidades como fossem astros as calcinhas e outras peças marcando mapas no céu arranhado da urbes.

e cheirava as de minhas casas usadas de saudade. e brincava com as esquecidas por ou sem querer nos meus encontros.

mas aí a vida passa. e súbito é ela que vai se esgarçando. perdem-se as cores as formas. texturas. algumas memórias começam por se apagar e já não há mais tempo presente para o memorável. parece um piscar de olhos e estamos já num conto do calvino. onde o mundo do trabalho ou da sobrevivência humana. o mundo exploratório dos mais ricos sempre criminosos molda nossos rostos com as caras mais xoxas dos últimos séculos. roubando-nos todas as piadas e coragens. logo estamos ali. almoçando com pressa. esquecendo que a dança é um ingrediente imprescindível do preparo. comprando comida pronta. deixando de transar depois do almoço em posições leves que se emendem na conchinha de uma sesta digna. tomando o tinto só nos fins de semana pois não há ensejo em dias úteis. nem dinheiro há.

agora penso que não é o casamento que é difícil. mas sim o passar do tempo nele. a resistência insuficiente que oferecemos às opressões de nossa era. e pode ser que seja até muito mais duro aos seus sozinhos inclusive. pois disto eu já não sei.

casar afinal me trouxe todas as calcinhas suas. não são tão diversas quanto o mundo que conheci mas formam o bonito universo de alguém único. infinito em seus limites. num misto de comum e raridade que conforma-nos humanos. e finalmente eu também cheguei com todas as minhas cuecas de uma vez. sendo como sempre fui e agora vejo. muito especial e medíocre. como qualquer um.

muitas das suas calcinhas já se foram. outras que chegaram. e a intimidade só aumenta.

quando acreditava ser poeta eu dizia que só a intimidade poderia salvar o mundo humano. depois entendi que a nossa linguagem é maldita porque não alcança. nunca tange a intimidade. o tempo passa neste conto que por fim não é escrito por calvino senão aos nossos punhos próprios. e leva todas as vantagens. todos os motivos. fica só a vaia em nossas bocas.

é assim. nos vestimos de textos. têxteis. mesmo quando toda poesia impressa fora de um corpo poderia se afogar tranquilamente sem danos reais ao humano. mas nada é de se estranhar pois estamos indo para roma. não para o amor. não é à toa que para nos sentirmos frágeis num esforço inconsciente nós sonhamos que estamos só de calcinha ou cueca nas diversas situações. aliás. eu não sei se pensaria uma aliança melhor de compromisso para além do nosso corpo que essas nossas roupas íntimas.

há uma sina nisso que contudo sempre me acompanhou. a das calcinhas penduradas pelos boxes de banheiro. puxadores da janela. torneiras do chuveiro. desse hábito de lavá-las ali à mão e deixá-las por lá mesmo pra secarem.

eu já achei inútil. um comportamento padrão meio esquisito como as idas conjuntas ao toalete dos lugares. depois achei inteligente prático. reconheci que tantos homens deviam fazer piada disso mas tendo por trás uma mulher que lavava as suas próprias cuecas fedidas marcadas desde sempre. homens que jamais tinham lavado uma única cueca sua. daí dei-me conta que por anos tive as minhas lavadas por uma. e que ainda em outras vezes por outras mulheres em minha história isso também se repetia.

meu devir com as calcinhas assim fez-me ver e viver muitas coisas. transformar outras. aprendi. cheguei a lavar minhas cuecas nalguns banhos embora ainda prefira máquinas e tanques para elas. e quando nasceu nosso filho fiz questão que aquelas fraldas de pano de mijo e de merda fossem lavadas também pelo homem. pai do menino.

no fim eu achava muito lindo aquelas mulheres todas lavando suas calcinhas ao banho. tinha um quê de unidade nelas. um traço ancestral que deixava aquilo um tipo de reza ritual. meditação. vê-las de perto. de dentro. ou pelos vidros embaçados entre as gotículas e o vapor. era a pura poesia. uma beleza uma dignidade. que não caberiam nos homens.

mas nem tudo são flores e eu metódico com vênus marte em virgem sempre me irritei muito com o acúmulo delas nos banheiros em que convivia. não foram poucas as vezes que contei umas quatro cinco secas mais a última molhada formando quase um mostruário no cômodo miúdo. quase um trocador de loja em que a pessoa provou tudo não gostou de nada e foi embora. dava vontade de intervir escrevendo promoção num cartaz. pague três leve cinco. moça bonita não guarda. mas também não leva. a vontade nos apartamentos era jogar pela janela e nesse sentido foi bom estar casado numa casa depois de tudo. um impulso a menos.

é. o tempo passa. o futuro fica uma utopia cada vez mais distante como as viagens e venturas numa aposentadoria que muito provavelmente nunca virão. o passado transmutado nessa espécie de sentença. condenação. e o presente num impasse.

talvez nem calvino nos escreveria assim. século vinte e um. com tudo exagerando nesta pandemia. uma quarentena humana. com o mundo rodando o mesmo. mas distinto.

a correia não diminuiu em nada surpreendentemente ou não. e muitas coisas não mudaram mesmo. as calcinhas acumulando no banheiro por exemplo seguem firmes. mas seria absurdo pensar que tudo ficaria igual. de repente uma miudeza muda. de repente faça toda a diferença. ou então seja logo uma coisa imensa de uma vez. algo elementar a que nossos pais não tivessem conseguido reparar pelo tempo passando deles.

as flores floriram no norte. o ocaso encheu de mágica o sul. desocupamos as praias por decreto. nos empurramos mais às nossas profundezas de improviso. e as tartarugas marinhas voltaram pras beiras das águas antes tão cheias de nós à mesma medida em que opressões terrenas se afastaram um pouco dos nossos antigos vazios. vimos o imperador de cueca por acaso. a roupa nova do rei num desfile que talvez não estivesse programado. e ainda por cima. de vez em quando. há um silêncio.

o almoço foi um requentado de ontem mais uma salada rápida de acelgas. mesmo assim pôde haver dança. não sabemos o que vamos comer no mês que vem se tudo continuar assim mas os dias úteis finais de semana perderam sentido nessa distinção. e temos bebido o vinho de todos os dias. como quem vive. ou morre. feliz.

senti a renda de sua calcinha depois de comermos. e quando a descí era vermelha. nossas línguas físicas se abençoaram em nossos corpos. redimimos a raça humilhamos a língua portuguesa fizemos os anjos e o espírito santo orgulhosos de nós. transamos leves e gostoso pra depois nos juntarmos ao sono meigo do filho. uma sesta digna dos resistentes. na esperança.

já mais tarde. quando fui só tomar banho. topei com a calcinha vermelha ainda sem lavagem pendurada por dentro ao puxador do box. contida contudo das secreções viscosas translúcidas esbranquiçadas. dos corrimentos lubrificações de mulher. e minha porra.

nada me restava a fazer senão pegar um pouco daquele sabão cremoso.

e lavá-la.

horas rosas

Por Leonardo Tonus

a Pierre Seel, sobrevivente do campo de concentração de Schirmeck-Vorbrück, deportado por ser homossexual

tu és pedra
és alma
tu és relva—alva,
água malva—
viva de pai
mãe e filha.
tu és de Marília
a invertida,
eros travestida em prosa
de uma vida prosa
por tua ventura maligna,
pérfida pétala
de fim de mundo
neste fim do mundo
em que tu resides.
mundo em flor
mundo e flor
tu és minha flor

minha rosa,
rosamundo
de um mundo rosa
mundo em rosa
sem as rosas
de Rosa.
Rrosa judia
tu és a vadia,
minha asquerosa Selavy.
tu és seio em devaneio
de minhas noites carmim
em minhas noites escarlate
sem o esmalte
que lasca
que falta
pelos dias afins.
tu, a que se perde,
a boca oca
da elipse rota
da brecha púrpura sem fim.
do avesso ao avesso
pelo avesso
tu és a informe
o avesso disforme
que não se concebe
que nada concebe.

tu que pelos claustros erravas
que os mastros navegavas
os astros
até o astro-rosa
que ao peito levavas.
antes que os cães te devorassem
teus beijos arrancassem
os pelos lambessem
do teu pênis
de teus braços
do que foram abraços
que foram corpo
fora do corpo
hoje morto.
teu corpo,
pedra—alma,
pedra e alma,
cujos olhos ainda exalam o azul dos icebergs,
e as borrascas do Alasca!

Sítio Dois Irmãos

Por Márcio Benjamin Costa Ribeiro

— Valha-me, Deus.

Dona Ceíça acordou sufocada. Se sentou na cama dura, passando a mão na cara banhada de suor. Levantou-se devagar, ainda tonta de sono e foi tomar um gole do resto da água que sobrava na quartinha de barro do quarto apoucado.

Devagar, a respiração foi voltando pro lugar, enquanto a frieza da caneca de alumínio lhe arrepiava os beiços enrugados.

Mais um sonho. Agora com o marido novo, os dois na festa de casamento, ainda na fazenda antiga, antes do sítio. Ela também moça, arrumada, comendo tanto do bolo tão branco, sabendo que ia desarranjar. Ernesto jovem também. Tão bonito, meu Deus. Tanta gente, e aquele cheiro de vida.

E de repente ela se dava conta que não era não, que agora era mentira. Aí acordava agoniada, com aquele silêncio lhe doendo os ouvidos, sentindo a camisola velha subir e descer nas costelas magras como sendo a lona de um circo.

Eita da coisa linda era um circo. Tanto do bicho. O coração transpassava quando viam anunciar na cidade. Uma ruma de moça bonita, como ela, quando jovem, no casamento.

Fazia tanto tempo.

Dona Ceíça foi pra janela em busca de um pouco de ar. Já nem sentia mais o cheiro de podre, sempre em algum lugar.

Lentamente o sol insistia, manchando de um vermelho desmaiado o céu ainda escuro.

Ela achava que era a pior hora. Acostumada, sempre acordava antes do raiar, ou antes do galo cantar, como se dizia antes. Há quanto tempo?

Ali já não se fazia sentido.

Tinha muito que bicho deixou de ser. Os mais novos que sobreviveram nem se lembravam mais como era o cantar do galo. Claro que encontravam foto, filmagem, mas a lembrança andava sumida, como a fumaça preta do meio da rua subindo pro firmamento.

Na casa vazia, as chinelas estalavam cortando o calado.

Já tinha desistido de falar sozinha fazia era tempo.

Com medo de ficar doida de vez, se prendia à rotina.

Arrumar as gavetas.

Dobrar a roupa.

Acender as velas do oratório.

Tirar a poeira escura dos móveis gastos.

Se esconder debaixo da cama quando batiam palmas do portão sempre trancado.

Lembrou-se do susto lapeando o coração quando tentaram entrar, se dizendo do governo. A senhora tomou coragem, apeou na janela a espingarda velha do marido e acertou um, que saiu pingando sangue pra dentro do carro.

Nunca mais.

Suspirou enquanto abria um dos últimos pacotes prateados da ração deixada na porta, carimbados com o brasão da Federação.

Fazia quanto tempo, minha Nossa Senhora?

Que dia era hoje?

Marrom e pastosa, só tinha era sabor de comida de bicho.

Quando tinha.

Dona Ceíça ainda sentia cheiro? Ainda provava gosto?

Lambendo os dedos grudentos, se lembrou de quando andava de cavalo por dentro da fazenda velha, experimentando embaixo das pernas o calor firme do animal.

Tinha acontecido mesmo? Ou era o diabo daqueles sonhos de novo?

Cuidadosa, levou o pacote pra pia e lavou, dobrando e guardando junto com os outros no armário da cozinha, os símbolos em pé lado a lado como sendo uma tropa.

Não esperava sentido.

Nada mais fazia sentido não.

E veio a dor, como vinha sempre depois que comia. Era doença? Ou o governo andava querendo envenenar os velhos aos poucos, como se matava gato?

Sorriu ao se lembrar dos tantos gatos da fazenda.

Chane, chane, chanim...

Esfregou os dedos chamando, chamando, mas quem disse?

Haveria de ter vingado algum, em outro lugar que fosse?

Dona Ceiça já nem percebia a falta, era como se o peito fosse assim um relógio velho, faltando mola, corda. Que andasse pendurado na parede por preguiça de tirarem.

Já não tinha vontade de deixar o sítio, de tentar contato com outros. E se fossem ruins, como foram os poucos que ela espantou à bala?

— Ração condenada, meu Deus — disse, quando a dor lhe apertou às tripas.

Bebeu um pouco mais da água de poço, segura, e pediu que lhe tirassem aquele sofrimento, acalentando-se ao se lembrar da rocinha acanhada, escondida em cima da casa, feita das sementes intocadas, que logo iriam germinar.

Será se antes de acabar a ração?

Perguntou a outra Ceiça, dentro da sua cabeça, uma mais velha e mais doida, que lhe encarava de dentro do espelho, com as tetas murchas.

Tudo veio tão rápido, aconteceu tão agoniado.

E logo não havia mais bichos, abraços, gente.

Dona Ceiça sacudiu os pensamentos como quem vasculha o teto de uma casa.

Pensar já não ajudava.

Preferiu se lembrar dos afazeres.

Da rotina.

Catou a faquinha afiada do quintal e foi pra janela.

Ao longe, já se juntavam, todos eles; se arrastando.

E Dona Ceiça se lembrou do sonho, do marido vivo, dos vizinhos, do bolo na festa de casamento.

Abriu a mão, com a palma marcada de cicatrizes e empurrou a faca afiada, que logo fez brotar um filete vermelho.

Vivo.

Apertou com força, deixando o sangue escorrer.

E como faziam dia sim, dia não, bem dizer, vieram todos, se acotovelar embaixo de sua janela, brigando pelas poucas gotas.

Já nem bicho. Nem gente.

“Ernesto?”, Ceiça sempre pensava em falar, mas com o tempo descobriu como engolir as palavras.

Já não se tinha o que dizer afinal, pensou, enquanto via a poeira do terreiro subir.

Descartes

Por Lúcia Bettencourt

Penso
logo não posso existir
como me querem
submissa
como as feras

Penso
e com isso surgem os problemas
O natural, a natureza
não correspondem
aos anseios
e receios

Penso
Ato tão pequeno
que ninguém explica
Deus e a Filosofia
debatendo entre si
minha agonia

Penso

E se o corpo é fêmea,

o que é a mente?

Talvez ilusão

mito da serpente

Pura sedução

Penso

Se isso é normal

outra é a falha

Ou talvez a culpa

seja de Descartes

por acrescentar

Existo

Penso

E não existo

Somente assim

Posso me explicar

Nesse momento

Não sou

Penso

Não existo

Penso

Logo, me crio

Escalda-pés

Por Deborah Dornellas

Brasília, 29 de fevereiro de 2020.

Querido Maurício,

perdão pelo meu longo silêncio. Não tive condições de lhe escrever. Muitas coisas andam acontecendo por aqui.

Hoje é sábado. O último sábado de fevereiro de 2020, ano bissexto. O carnaval passou sem que eu prestasse muita atenção. Só vi partes do desfile das escolas do Rio pela TV, como costumávamos fazer juntos. Penso em você todos os dias, mas nas manhãs de sábado sua lembrança me vem mais vívida. Tenho saudade de tudo. De nós, das nossas caminhadas pela quadra e além.

Já não caminho mais na quadra. Nem à padaria consigo ir. Não sei se é artrose ou desencanto.

Na última vez que saí fui à farmácia. Devagar, com dificuldade. Como uma velha. A velha que sou. No balcão, uma moça muito maquiada e com longos e grossos cílios me atendeu. Pedi o remédio para regular a pressão e ela, quase tropeçando nas pestanas, foi buscar duas caixas nas estantes de dentro. Voltou sem pressa, com o medicamento nas mãos, sem sequer notar que eu não tirava os meus olhos cansados dos seus. Quando fui pagar, a moça do caixa, sem maquiagem e com cílios de tamanho normal, tentou me empurrar uma porção de tranqueiras: latinha de Vick Vapo-rub, bastões para proteger os lábios, creme para as mãos, que a seca foi braba, cortador de unhas e um novo antiácido que é tiro e queda. Deve ter me achado mais velha do que sou. Dessas senhorinhas a quem acham fácil enganar. A mim não enganam assim. Já perdi muita coisa na vida, minha filha, disse a ela, mas o juízo e o discernimento ainda estão aqui.

Nunca imaginei que viveria tantos anos depois que você se foi, Maurício. Nos últimos dias, passo horas ouvindo rádio ou consumindo meus olhos na frente da TV de plasma que Renato me deu antes de ir embora, em novembro passado. É assim que tento driblar a solidão e desviar minha atenção dos pensamentos incômodos que me assombram. Não me afeiçoei ao computador, por mais que Renato insistisse. Assisto às novelas como nunca fiz antes. E a programas que mostram a vida selvagem nas florestas, essas coisas. Vida selvagem tem sido a nossa aqui. Ando até evitando o noticiário nacional. Nem os jornais eu leio todos os dias. Parei de assinar. Todos contam o que não quero saber. Não quero saber mais nada sobre este país. Não reconheço este lugar. Esta cidade. Nem mesmo a nossa quadra eu reconheço. Não se veem mais crianças brincando debaixo dos blocos. A banca de jornais fechou. Os jardins estão abandonados, cheios de mato, e o parquinho agora é um quadrado tristonho com areia imunda e brinquedos enferrujados. Estamos todos enferrujados, Maurício. Paralisados. Somos espectadores inertes de nós mesmos. Não nos levantamos do sofá nem para mudar o canal da TV. Vivemos no planeta do controle remoto. Como robôs repetindo tarefas. Eu sei que envelheci. E Brasília envelheceu junto comigo. Estamos ambas exaustas, com a pintura descascada. Nossas juntas doem porque não nos movimentamos mais. Emperramos em algum lugar que, de tanto renegar o passado, parece não ter futuro.

Como eu disse em cartas anteriores, o Teatro Nacional está em ruínas há anos, a agora a Esplanada e a Praça dos Três Poderes foram ocupadas por micróbios da pior espécie. Nem o Itamaraty escapou. Estão destruindo tudo. Os gramados da cidade não rebrotaram depois da seca de 2019, e os ipês estão desistindo de nós. Não ouço mais as cigarras ciciando nas árvores, mas talvez tenha ficado meio surda sem perceber. Você ficaria devastado se estivesse aqui, neste cenário de fim de mundo. Apesar de eu ser uma década e meia mais velha do que Brasília, acho que tenho lidado melhor com a decrepitude. Mas voltei a ter medo. Um medo indistinto, diferente daquele que eu tinha antigamente, quando tudo estava no limite. Pensávamos que aquilo nunca iria acabar, não é? Mas acabou. Às custas de muitas vidas, inclusive de parte da sua. Agora querem trazer o pesadelo de volta, atualizado.

Depois de muito tempo sem sonhar com o horror, ontem tive um sonho com aquele dia em que os soldados da PE o levaram. Acordei como se tivesse revivido a cena inteira. Renato era recém-nascido e

estava dormindo no quarto, depois da primeira mamada do dia. Era domingo. Lembro bem o dia porque eu estava na cozinha, fazendo o almoço como só fazia aos domingos, quando os homens espancaram a porta dos fundos. Eles sempre preferem a porta dos fundos. Você estava no sofá da sala, lendo jornal. Os soldados foram entrando aos berros, tentei impedir, Renato acordou e começou a chorar, fiquei desorientada, não sabia se corria até o quarto para acudir meu filho ou se tentava impedir que a PE levasse meu marido. Enquanto eles o carregavam com violência, olhei nos seus olhos e não vi medo, somente uma sombra, uma tristeza por saber que estava nos deixando por tempo indeterminado, sem saber o que fariam com você e conosco. No meu sonho de agora, era Renato, já adulto, quem estava sendo levado preso, mas eu não chorava como chorei naquele domingo de 1970 e ao longo dos meses todos que se seguiram à sua prisão. No sonho, eu enfrentava os soldados com os olhos secos e a força das mães. Quando você voltou, Renato já tinha os dois dentes da frente e caminhava pelo apartamento, com o passinho trôpego dos bebês. Você voltou tão cansado, Maurício. E mais calado do que de costume. Quando vi sua mão esquerda toda deformada, senti náuseas e quase vomitei. Seus dedos quebrados em todas as falanges, mal calcificados, foram a visão mais triste da minha vida. Nunca lhe disse isso com todas as palavras porque sabia que dóia em você. Em mim ainda dói. Renato sempre quis saber como papai tinha machucado a mão. Inventamos uma história qualquer e ele acreditou. Ou fingiu acreditar. Mesmo depois que você se foi, Renato e eu pouco falamos sobre isso.

Foi boa sua ideia de se fingir de canhoto enquanto esteve preso. Os homens deixaram sua mão esquerda completamente inoperante, achando que assim você nunca mais escreveria uma linha ou desenharia uma charge sequer contra o regime. Mas você era ambidestro e usava muito bem a mão direita. Lembra quando você ensinou Renato a desenhar com as duas mãos? Tenho todos os desenhos, dele e seus, guardados. Os artigos publicados e os censurados também. Mas as letras e traços estão sumindo nos papéis amarelados. Vou mandar digitalizar os desenhos e transcrever os textos, para reunir tudo num livro. Renato vai me ajudar, mesmo de longe. Será um belo presente nosso para você.

Foi uma travessia penosa para mim, mas consegui rever todo o material. E nem o sonho ruim me fez desistir da ideia do livro.

Acho um privilégio ainda poder usar as mãos. Mas suponho que em breve não consiga mais fazer muita coisa com elas. A artrose me atropelou. Por isso as cartas estão rareando tanto. Esta me custou quase uma semana para terminar e passar a limpo. Minhas mãos doem muito quando começo a escrever, e logo tenho que parar, alongar, passar unguentos. Olho para as minhas mãos deformadas e me lembro da sua mão esquerda. Isso o traz mais para perto de mim de um jeito estranho.

Espero ainda conseguir escrever mais algumas cartas. Na próxima vou lhe contar mais detalhes sobre um novo vírus que surgiu na China em dezembro e está matando muitas pessoas, principalmente velhos. Chamaram de coronavírus, porque o formato da molécula parece uma esfera coroada. Esse vírus já existia e agora veio numa versão 2019, mais agressiva. Vi na TV que isolaram uma cidade chinesa inteira, para tentar conter o contágio, que é muito rápido. Mas o tal vírus já viajou para fora da China. Há muitos casos na Itália e em outros países da Europa, e há três dias noticiaram o primeiro caso no Brasil. Um homem trouxe o vírus de avião, direto da Lombardia para São Paulo. Espero que essa virose não viceje aqui. Já há muita infecção neste país. Não precisamos de mais vírus letais. Temos muitos. Um deles é o atual presidente. Mas não vou falar dele. Hoje não. É sábado.

Sinto sua falta, Maurício. Muito. Como se as décadas não se tivessem passado. Minhas lembranças não sumiram na voragem do tempo. Estão todas aqui dentro. A memória remota é uma das poucas coisas que me restam. Estas cartas, que jamais serão lidas pelo destinatário, são meu único antídoto para as manhãs solitárias, as tardes chuvosas e as noites frias. Ainda há noites frias em Brasília, sabe? Nelas, minhas mãos e pés doem ainda mais. Quando os pés doem muito, penso em fazer escalda-pés, como os que você fazia para mim, depois das nossas caminhadas. Perfumados com camomila. Mas não seria a mesma coisa.

Saudade eterna,

Gilda.

Despedida

Por Leonardo Valente

— Eu queria poder lhe dar um abraço bem forte nesse momento tão difícil, mas não vai ser possível. Seu marido acaba de partir aqui do meu lado — contou chorosa a médica intensivista do hospital de campanha no Estádio do Maracanã, em videochamada da tela de seu tablet para o smartphone do primo.

O mundo que ameaçava desmoronar em etapas desabou por inteiro de repente. Tudo ficou turvo, sem sentido e aquelas palavras não pareciam conexas. Como assim ele morreu? Dez anos mais novo, 32, saudável, uma vida pela frente. Lindo. Engenheiro civil bem-sucedido, amante das artes, sensível. Como assim o casamento de um ano e meio terminou? Aquele casamento com uma festa inesquecível para as duas famílias na beira de uma praia paradisíaca ao pôr-do-Sol, como ele ousou ir embora? Quem vai fazer o jantar depois de um dia cansativo de trabalho? Quem vai se jogar no sofá, sorrir e falar sobre as bobagens e problemas do dia? Quem vai envelhecer junto e organizar a aposentadoria para morar em Portugal? Como ele tem coragem de interromper planos tão pequenamente grandiosos, tão doces e tão dependentes dos dois?

— Você precisa ser forte, primo, muito forte — pediu dessa vez aos prantos a médica, que precisou respirar fundo para continuar — você não pode sair do seu apartamento porque com certeza está contaminado, só não tem os sintomas. Não temos mais testes para confirmar, não temos mais equipamentos de segurança, não temos mais nada, nem sei como conseguiram montar essa UTI aqui no estádio, o hospital era para ter só leitos de enfermaria, mas a situação está muito grave, muita gente doente jogada nas calçadas, muita gente morrendo em casa. Seu filho está bem na casa da sua mãe, deixe-o lá por mais umas duas semanas, pelo menos, nem ele nem ela podem ter contato com você, e nem podem ir à rua, para o bem deles.

O filho. O que será do filho? O menino de três anos adotado e que chegou para alegrar a família quatro meses antes da pandemia. Como será criado só por um em vez de dois? Como é que se paga sozinho a prestação do apartamento? E a pequena poupança que está na conta dele? E o carro que está em nome da sogra, mas que é de ambos? E a conta no Instagram com fotos da família dignas de novela, quem tem a senha? E o amor, e o companheirismo, e os cinemas às sextas, teatros aos sábados e restaurantes aos domingos? Quem foi que morreu? Não pode ser ele, é algum engano, com certeza não faz o menor sentido, a TV tem denunciado muito erro desse tipo.

— Ele foi embora dormindo, nós o mantivemos em coma induzido. Foi tudo muito rápido, apenas três dias de UTI. Pelo menos não sofreu muito — tentou consolar a médica.

Meu Deus, três dias. Só três dias. Cinco de enfermagem de hospital e três de UTI. Semana passada ele estava em casa, fazendo risoto no meio da quarentena quando começou a tossir. Ponta de febre, coisa leve. Dormiu bem, acordou com um pouco de falta de ar e achou melhor ir ao médico. Ficou internado por precaução, ligava para casa duas vezes por dia, perguntava como estava o menino, como estava tudo. Parou de ligar quando piorou e foi transferido do hospital superlotado em Copacabana para a UTI no Maracanã. A prima disse que ele era forte e que ficaria bem, que daria notícias toda hora, que já já voltava para casa. Cadê as notícias sobre o estado dele? Ela está devendo. Quando ele volta? Por que não pode falar no celular?

— Assim que você me ligou para falar da transferência, vim para cá e me ofereci como voluntária, eles estão sem médicos e cuidei dele cada minuto. Você tem comida em casa, primo? Paracetamol? Tem Rivotril? Você vai precisar tomar. Ninguém pode ficar aí com você, ninguém vai poder te abraçar, te consolar e dar o ombro para você chorar. Você precisa segurar essa barra sozinho, mas nossa família está com você mesmo à distância. Se passar mal ou tiver falta de ar avise e corra para um hospital. Quer que eu peça para deixarem compras na portaria? Prefere comida pronta? O que você está precisando, olha para mim, fala alguma coisa, pelo amor de Deus. Eu também vou precisar de você agora, de sua ajuda, por ele.

Comida? Pra que comida? Comida em quarentena engorda. Alguém tem que ligar para a mãe dele que mora em Roma, ela nunca atende o telefone. O maldito genocida que está no Planalto não disse que

era só uma gripezinha? Ela votou nele, filha da puta! Como se contrata funeral sem sair de casa? Ele precisa de um funeral digno, precisa de tudo de bom e do melhor que se pode oferecer, de carinho, de companhia, de alguém que atravesse essa barra junto, que segure as pontas porque tudo vai passar, sempre passa. Ele precisa de uma linda coroa de flores, quem vai trocar a roupa e fazer a maquiagem? Ele é muito vaidoso, não pode parecer abatido no funeral. Como pega atestado de óbito? INSS dá direito à pensão para casal homoafetivo? Ele vai precisar tomar uma sopa quando chegar em casa. Sem sair de casa fica difícil comprar as coisas para a sopa que tanto gosta, de repente ela pode realmente deixar algumas compras na portaria.

— Não vai ter funeral, primo. O corpo vai ser levado em caixão fechado para ser cremado em outra cidade. O caminhão do Exército vai levar. Aqui não tem mais como. O lado de fora do estádio está cheio de caixões, as calçadas do bairro estão lotadas também, só na entrada do metrô tem uns trinta. Eu preciso de você, primo, eu preciso que seja forte, porque a gente precisa liberar o corpo, é o que a gente pode fazer de mais digno para ele neste momento. Quanto mais rápido a gente liberar o corpo, melhor para ele, menos tempo vai ficar por aqui. Você me ajuda, meu querido? Vou resolver tudo, mas preciso de você.

O apartamento acabou de ser pintado, está novinho. O quarto do filho está todo decorado. Ele cuidou dos papéis de parede, escolheu a dedo, tanto o do canto da sala, preto e branco, quanto o do quarto do menino, todo azul. O imóvel de três quartos, com uma suíte e uma varanda, está lindo. Os tempos são muito duros, ninguém sabe quem vai segurar o emprego, o Brasil tem um governo insano e perdido que vai matar mais que o vírus, mas um casal unido e que se ama supera tudo. Não tem problema, as férias programadas para a Europa, por exemplo, vão virar férias no Nordeste os três serão muito felizes nessa viagem. Praia, Sol, pousada, comida típica, forró à noite, vai dar para fazer tudo. Essa doença maldita vai passar, serão necessários alguns sacrifícios e muita solidariedade, mas todos sairão mais fortes dessa. É horrível ficar em casa sozinho, mas é para o bem da família e essa fase vai acabar. O menino está seguro na casa da avó que mora no Rio, e que fica a duas quadras. Ele mesmo pegou o carro e o levou, para em seguida ir para o hospital. Tudo está bem e continuará bem.

— Meu querido, fala comigo, você não disse uma palavra, fala alguma coisa, por favor — pediu a médica ainda chorosa e muito preocupada com o primo. — Eu vou virar o tablet e vou mostrar o rosto dele para você, tudo bem? Não vai demorar. Eu mostro e você me diz sim, é ele, ou só faz um sinal de positivo com a mão, está certo? Ele está bem, não está inchado, está como se estivesse dormindo, só com os lábios um pouquinho roxeados e o rosto um pouquinho mais pálido, mas ele é lindo assim mesmo. Sempre foi muito bonito, está tão bonito quanto no dia do casamento de vocês. Assim, você também se despede dele, meu amor. Você manda um beijo, diz que o ama. Tenho certeza de que ele vai te ouvir, pode ser?

Sim! Todo mundo ouviu o aceite emocionado em alto e bom som naquela cerimônia inesquecível. Um casamento entre iguais que se amam é sempre um evento histórico, um recado de que há algo mais forte a unir os homens do que apenas a vontade dos hipócritas. Ali, todo mundo tinha certeza de que seria para sempre, “até que a morte os separe”, como disse o juiz. Quanto tempo ainda de quarentena? Por que o ministro da Saúde cada dia recomenda uma coisa diferente? Haverá uma guerra depois disso tudo? Como estará o país quando chegarem as bodas de prata? Como é que se corta o cabelo no meio dessa confusão toda se os salões estão fechados? E o funeral, ela não explicou o que é preciso fazer para organizar o funeral, é tão difícil nessas horas. Não! Espera! Parece que a construtora em que ele trabalha tem auxílio funeral, eles organizam tudo, mas será que está valendo, mesmo com o corte de metade do salário? Se cortaram o plano de saúde no meio da pandemia, podem ter cortado ao auxílio funeral também, as empresas não se importam com ninguém. Será que ele conseguirá segurar o emprego?

— Querido, olha ele aqui — disse a médica, apontando a câmera do tablet para o corpo do rapaz em cima da maca de UTI, com um avental azul e uma placa de metal bem sobre o peito com o número 2020 — Ele está sereno, ele está bem, primo. Ele precisa ir, outros estão esperando essa vaga aqui, tem muita gente precisando, tem fila de gente morrendo. É hora de se despedir. É ele? Diz para mim ou só faz um ok com a mão.

— Não é ele! Sou eu!

Confabulação

Por Virna Teixeira

Sentaram-se à mesa de jantar da enfermaria para a reunião usando máscaras. Movimentos gestuais. A linguagem das máscaras é intransitiva? Ela não lembra do acidente. O hipocampo foi lesado no começo da pandemia.

Sentada à mesa sem máscara diante da equipe. Como se estivesse nua e vulnerável, a boca e o nariz expostos. Os rostos recobertos, sentados em distância geometricamente precisa, estão fixados nela. Sua perplexidade não é neurológica, é real.

Este é um sonho ruim? Uma espécie de inquisição?

Amnésia anterógrada. As datas não significam nada. Há notícias sobre este vírus em toda parte.

Ela quer sair para fumar. Ela não lembra da admissão. Seu corpo mudou. Antes caminhava pelos corredores como uma escultura de Giacometti, os braços longos e pendulares. Agora precisa de roupas novas, mais largas. Manequim 38.

Lembra que estava numa livraria em Nova Iorque, em agosto de 2019, mas isto foi muito antes. Pensa que meu nome é *Doctor* Maria, porque sou latina.

No dia do acidente eu descia a rua com cervicalgia, após uma tração súbita e recente nas costas. Estava tonta e com choques descendo pelos braços. Tive delírios de neurologista com minha coluna. Imaginei que perderia meus movimentos. Quando alcancei o metrô tinha palpitações e suava.

Não sei quanto tempo passei no metrô. Eu estava fora da realidade, eu olhava para algumas pessoas com máscara e tinha medo. Concentrei na respiração. No trajeto, fui me acalmando. Era um ataque de pânico.

Cheguei em tempo para a reunião, foi um dia longo, que culminou com o acidente. Corremos. Lembro dos gritos, da garota anoréxica que chorava sem lágrimas, porque estava muito desidratada.

Mas ela sobreviveu. E esqueceu de tudo. Na semana seguinte, começou a quarentena.

“E daí?”

Por Angélica Amâncio

“Cara, desculpa, eu vou falar uma coisa. Assim, na humanidade não para de morrer. Se você fala em vida, do outro lado tem morte. E as pessoas ficam ‘ó, ó, ó’. Por quê?” (Regina Duarte)

Por que
esse vírus
raivoso
parece latir
rumo ao porão,
ao precipício,
ao fundo do poço?

Treze de maio
132 anos depois
da canetada de Isabel, a princesa,
o número de negros
mortos
de coronavírus
no Brasil
quintuplica.

Faz dois meses
apenas
a primeira vítima
partia:
empregada doméstica
cento e vinte quilômetros
por dia
de Miguel Pereira
até o Leblon.

A patroa
recém-chegada da Itália
não mencionara
trazer na mala
como souvenir
um vírus.
Afina!, para quê mostrar
resultado de exame
para a gentalha, meu Deus?

Enquanto isso,
no Norte,
onde a floresta
continua a virar sertão,
o número de mortos
entre os indígenas

cresceu
em duas semanas
800%.

Longe dali,
em carros que custam
600 vezes
o valor
do auxílio emergencial,
marionetes desfilam
pelo fim
do confinamento
dos pobres
em verde-e-amarelo
alheias, insensíveis
à dança incessante
das escavadeiras.

É preciso
que cavem
velozes
que varram
para debaixo
da terra
os corpos
tantos, tantos

para que passem
a morte
como passaram
a vida
subnotificados
anônimos
atônitos
empilhados
uns sobre os outros.

Se tivéssemos
como presidente
um bom coveiro
e não um fake messias
talvez ao menos
no sepulcro
o abismo
que nos divide
não fosse tão profundo.

(13 de maio de 2020).

Peteca

Por João Maria Cícero

“Me forçaram a falar português.”

Forçaram-me, eu pensei... Mas quem fala assim hoje em dia? Ela falava bem, ela se comunicava. Não é assim a abordagem comunicativa? Nós só percebíamos que não era brasileira na famosa ‘peteca’ quando ela dizia palavras que começam com p, t e c (com som de k). Peteca é um símbolo que estudamos na aula de fonética do inglês. É uma sutileza do inglês que não existe em português e fica bem marcado quando não somos nativos. Esses três sons em inglês são aspirados. Falamos ‘time’ com uma aspiração do ‘t’, quase como uma tomada de ar. E a peteca marca bem a diferença entre brasileiros e americanos quando falamos a língua um do outro.

Enquanto ela ia explicando a experiência no Brasil, eu ia buscando falhas no seu português para que minha posição de poder pudesse ainda ter algum efeito. Os alunos quando voltavam do Brasil, chegavam senhores da língua — da minha língua. E dentro da minha posição de poder, eu precisava encontrar maneiras de garantir meu espaço de ‘learned’ e os alunos de ‘learners’ como se dizia em inglês arcaico.

“Não foi difícil. As pessoas no Brasil são muito simpáticas e todo mundo achava que eu era brasileira. Acho que pela minha raça...”

Ninguém usa a palavra raça no Brasil. Ninguém fala de raça no Brasil, mas todo mundo tem uma opinião sobre a sua cor, especialmente se você é estrangeiro. Ainda assim, quando ela fala ‘raça’ algo soa estranho no meu ouvido. Talvez seja o meu racismo internalizado, algo que ainda habita no meu corpo branco brasileiro privilegiado. No mesmo grupo, uma aluna me disse que eu era ‘branco’ — pausa — ‘brasileiro’. “Brazilian white”, ela disse em inglês. Afinal tal categoria não existia em português. Eu era branco, mas não white de acordo com ela.

“A parte mais difícil foram as aulas...” Interessante como a aspiração não aparece quando há um ‘r’ antes do ‘t’. Porém ela voltou com esse sotaque carioca, estava até falando ‘merrmo’. Quem fala assim? Que som é esse? Eu poderia ensiná-los a não falar assim antes que fossem ao Brasil. Nós evitamos o uso do ‘r’ caipira, por que não evitar o ‘merrmo’? Porém, o ‘r’ caipira está dominando São Paulo, até a capital... O refúgio do nosso ‘r’ cantado estava sendo tomado pelo ‘r’ caipira. O que será de mim na velhice? Eu vou ser aqueles velhinhos que falam engraçado, como quando eu era criança e achava graça dos velhinhos que ainda falavam o ‘r’ inicial como se fosse espanhol. “roda”.

“Durante as aulas eu fiquei muito perdida sobre o que fazer. Os professores não explicam a lição de casa...”

Lição de casa é bem infantil. Ninguém usa o termo na faculdade, mas aqui nos Estados Unidos, a universidade é um pouco (ou bastante) infantilizada e os alunos precisam de lição de casa toda aula. Eles precisam saber quantas páginas por dia precisam ler. Eu preciso dar lição de casa todo dia. Não existe aquele sistema de chegar e falar, falar, falar por horas. Os alunos pagam muito caro e precisam participar das aulas. Eles precisam sentir o produto pedagógico como um objeto físico que se pode tocar. Eu não sou suficiente. Os meus livros expostos no meu escritório para que os alunos admirem durante as minhas office hours, as palestras gravadas online, os textos publicados em algum jornal de prestígio. A aprendizagem é concreta nos Estados Unidos, é o preço do mercado educacional que cobra quase um quarto de um milhão de dólares por quatro anos em uma universidade de prestígio.

“Eu passei as duas primeiras semanas perdida sem saber muito bem o que fazer nas aulas. Era tudo tão fácil para todo mundo. Até que um outro estudante me ajudou e começamos a organizar as leituras dos textos da aula de História do Brasil. Era um curso muito bom. Eu aprendi muito sobre a história do Brasil. Muitas coisas que já tínhamos falado *no* nossa aula...”

NA nossa aula. Os alunos vão terminar o curso ainda trocando o gênero gramatical das coisas. Logo no início eu explico a diferença entre gênero social e gênero gramatical, mas algumas palavras vão até o final do curso sendo trocadas. Mensagem, ponte, leite, aula e classe, tema (na verdade todas as palavras

que terminam em -ema e -ção). Apesar disso ela falava muito bem. Eu estava impressionado com a fluência dela.

“Falamos muito de ditadura, tropicalismo, democracia, golpes políticos... O Brasil é um desastre.”

Essa foi a primeira vez que eu interferi na apresentação. Ela disse ‘um desastre’ e deu um sorrisinho maroto. Como se ela tivesse preparado esse momento para dizer na minha frente. Ela sabia onde estava pisando. Ela sabia que não podia criticar o brasileiro, mesmo com o desastre do atual governo. Ela sabia que mencionar a palavra desastre tão perfeitamente pronunciada para o mais insatisfeito brasileiro seria um ataque. E ela ainda disse desastre como eu, paulistano, diria. Ela esqueceu a pronúncia do ‘s’ chiado carioca na minha frente.

Desastre...

“O que você quer dizer com desastre?” Ela estava preparada para a minha pergunta. A apresentação dela estava milimetricamente preparada. Ela havia inclusive pensado no tempo necessário para as perguntas.

“Not very diferente from us here in the U.S, né?” Enquanto ela comparava com os Estados Unidos, ela avançou um slide na apresentação e colocou uma foto dela com os colegas de curso. Ela era a única mulher no grupo de estudantes de Economia. Ela usava uma gravata, símbolo da faculdade. Ela era a única pessoa ‘de cor’ na foto, no meio de uns trinta ‘white brazilians’. Ela sabe que eu conheço a expressão em inglês “a picture is worth a Thousand words”. Ela sabe que eu sei que o Brasil é um desastre...

“Pode continuar de onde você parou a sua apresentação.”

Delação

Por Rodrigo Novaes de Almeida

Eu tinha 12 anos de idade quando me interessei por escutar as histórias dos outros, para os adultos, uma criança não eram ouvidos que se dessem importância, mal sabiam, esses homens da narrativa que estou prestes a contar, que de histórias reveladas em um restaurante de um clube naval, uma delação seria feita cerca de trinta anos depois. Talvez estejam todos mortos hoje, o meu pai, médico ginecologista obstetra e um dos mais jovens do grupo de amigos que jogavam tênis duas, às vezes três vezes por semana no clube, está morto há dez anos. Outro homem, um senhor já naquele tempo, alemão que dividia o ano em seis meses no Brasil e outros seis na Alemanha, não sei o seu ramo de negócio, eu costumava observar com mais atenção, talvez por ser um dos poucos estrangeiros que conhecia, um dos poucos homens com barba e cabelos ruivos que conhecia, e ter um sotaque estranho ao falar sobre a segunda grande guerra e a prisão depois de seu avião ser abatido pelas forças aliadas, talvez no espaço aéreo entre a França e a Inglaterra (o campo de prisioneiros era neste país), quando tinha 19 anos. Recrutado aos 17, ele dizia que muitas vezes acontecia de pilotos inimigos em voos de reconhecimento balançarem as asas do avião para informar ao inimigo que não estavam dispostos a travar uma batalha naquele dia. Não era sempre que funcionava. Não sei o que devo considerar anedota de um velho prisioneiro de guerra, mentiras ou exageros de um adolescente numa memória de quarenta anos atrás ou o que são verdades históricas em seus relatos, enquanto eu e meus irmãos mais novos jantávamos frango à la Kiev, as esposas falavam a respeito de frivolidades, e esses homens de meia-idade conversavam sem se importarem comigo; eu os escutava sobre seus trabalhos, suas vidas, que àquela altura, naquele tempo, me pareciam muito mais interessantes do que as de qualquer outro grupo, como as de suas mulheres banais. Evidentemente, eu não entendia tudo o que diziam. Havia em especial um homem baixo, gordo, para mim com rosto e jeito antipáticos, que era quem eu menos compreendia, apesar do alemão com sotaque carregado e de suas

histórias fantásticas, era este outro um homem que, anos depois, conhecendo melhor os tipos humanos (e não necessariamente suas almas), eu o classificaria como desses que gostam de contar vantagens, assumir publicamente as próprias safadezas como conquistas respeitáveis, dignas de homens inteligentes que sabem aproveitar uma oportunidade, e se deleitam com isso; e os amigos, se não ouviam com admiração e um pouco de inveja, hoje eu especulo, ficavam instigados a compreender melhor como este país, dentre todos, realmente fazia as suas engrenagens públicas e privadas funcionarem há muitas e muitas décadas sempre iguais. Eram meados dos anos de 1980, a transição da ditadura acontecia de forma gradual e lenta como explicava o missal, como se espera de uma nação que investe em manter a memória do que é importante morta acima de tudo, o homem das oportunidades acabara de chegar a um posto de diretor de uma das mais promissoras empresas petroleiras do mundo, pública, nacional, filha de um país continental e mãe de centenas de cidadãos premiados, diplomados, fluentes em línguas de alto e baixo clero, especialistas no comércio exterior e no submundo do crime do colarinho branco. O digníssimo recém-empossado diretor vangloriava-se da nova casa na região serrana, era lá que todos os executivos dos esquemas da companhia compravam suas mansões, em condomínios fechados, e conversavam sobre como eram absolutamente homens especiais em um país como o deles. Cerca de vinte anos depois, eu conheceria outro diretor da mesma empresa, quatro ou cinco presidentes civis da República depois, com casa em um dos mesmos condomínios. Havia mais sofisticação, é claro. Mais dinheiro em jogo, também. O país era mais rico, o roubo maior. Este homem de negócios mantinha escritório em cobertura de prédio tombado da antiga capital federal, cidade da verdadeira sede da empresa, de onde podia ir e vir a pé, escritório no país mais rico do mundo e postos avançados em regiões de miséria da África, que davam milhões às empresas lobistas dele e de sócios ex-funcionários da estatal. “Mas antes eram outros tempos”, diriam homens de fala e gesto mansos, “agora os tempos mudaram e não vamos tolerar isso!” Esse outro diretor foi um dos presos durante uma das maiores investigações federais sobre corrupção de compra e venda de uma refinaria que mal poderia ser vendida a um ferro-velho, segundo os jornais. “Os tempos mudaram”, havia anos não comíamos mais frango à la Kiev, o diretor atarracado e antipático dos anos de 1980 já devia estar aposentado ou morto, os esquemas eram conhecidos por todos e replicados nas empresas privadas, setores

inteiros concebidos dentro delas para a corrupção, uma corrupção civil-militar desde o início (tal como hoje, neste final de mundo interminável sobre esta terra devastada pela peste e pelos homens). Entretanto, eram tempos em que já estávamos um pouco distantes da anti-civilização dos antigos porões contra a ameaça comunista, o velho fantasma que amedrontava as noites de toda a gente mediana deste país. Tais bárbaros viriam depois, novamente, com crucifixos, o antigo testamento debaixo de um braço e a legislação importada do outro, pois a nação caíra nas mãos de um partido que se voltava para questões difíceis, complicadas, que nunca deveriam ser mexidas, feridas que não tocamos — “a miséria é um bem nacional e a senzala só mudou de nome há cento e trinta e um anos” é uma ladainha popular da pátria. A oportunidade para derrubar um governo, qualquer governo, ainda mais um nessas condições, e de rapinar todo um país outra vez todo o tempo esteve aí e o departamento de estado estrangeiro que contribuiu durante décadas para as ditaduras e as republiquetas de bananas do continente, como se tornaram de modo folclórico conhecidas em todo o mundo, sempre soube disso. Só que agora o ouro negro jorraria em abundância e havia uma tecnologia avançada para extrair um oceano de óleo de debaixo da terra e do mar. Então, aconteceu. A história, pelo menos esta, todos afirmam saber, independentemente do nome que dão. Mas as demais histórias todos também sabiam, dos tenentes e capitães aos generais, brigadeiros e almirantes, dos vereadores aos deputados, senadores e presidentes, dos engenheiros aos diretores das grandes empresas público-privadas, porque nada neste país é apenas público ou apenas privado, como nada da memória é guardado por muito tempo, mesmo em seus porões, mesmo hoje aqui, diante de vocês, deste tribunal, ao fazer minha delação, com mais de trinta anos de atraso, a delação de menino de 12 anos que adorava comer frango à la Kiev e ouvir histórias.

Lockdown

Por Lucius de Mello

“Deus, eu poderia viver enclausurado dentro de uma noz e me consideraria um rei do espaço infinito — não fosse pelos meus sonhos ruins.” (Shakespeare, Hamlet)

O pôr do sol engaiolado está ainda mais distante da lua mascarada. Estrelas em quarentena pouco se expõem à sacada do Cosmos para ver a posse do verme na cova rasa, ainda quente. Trôpega, a larva à terra desce cavoucando delícias, sob a rampa de torrões pisados e remexidos, até alcançar o berço esplêndido na escuridão. Só ali, bem no fundo, as margens parecem plácidas. Na superfície, em raios fúlgidos, a imagem da tristeza resplandece. Uma luz artificial estica as horas com holofotes intensos. A claridade postixa termina de apagar o crepúsculo de cores laranja, ouro, quindim, *rouge* com violeta que desaparece no horizonte. Horizonte? Onde? No buraco, responde uma voz masculina ao ouvir o lamento de um filho que acabara de enterrar o pai. Enterramos o seu Brás, grita para todos ouvirem. Gigante pela própria natureza, o defunto é grande, precisa dessas centenas e de outras milhares de sepulturas para o descanso final. Paz no futuro? E a vergonha do passado? Cada corpo que eu sepultei hoje aqui é um pedaço do Brasil, proclama o homem ao levar a pá ao peito. Horizonte, onde? Cadê? E daí? Enquanto isso, o verme, dono de impávida indiferença, começa o farto e sinistro banquete.

O impacto do vírus mortal abre crateras ao luar. São Jorge de gesso guarda uma delas. Antes da meia-noite o cemitério não fecha. Ainda falta terminar o serviço funerário de pelo menos dez vítimas da Covid-19. Comovido com o destino do seu Brás o orador está ali para trabalhar. Conta que acabara de ser contratado, temporariamente, pela prefeitura de São Paulo para reforçar o exército de coveiros no movimentado sepulcrário. Que era pago só para enterrar números, mas impressionado com o genocídio e

com a conta que nunca fecha, decide fazer do “bico” no reino do corvo papel bem mais complexo do que o de assistente da morte. E naquela arena sombria improvisa um revolucionário monólogo: Todos os crânios enterrados esses dias no Brasil sou eu! Vou falar por eles! Defendê-los desse crime bárbaro contra a humanidade! Sou o velho e a vovó da casa de repouso, o morador da favela, o negro, o índio, o morador de rua, o médico, a técnica de enfermagem, o motorista do ônibus, o motoboy, a sua mãe, seu irmão, sua namorada, seu marido, a professora, o pipoqueiro, o bêbado e o equilibrista, o Blanc, o Sérgio Sant’Anna, o cientista... O crânio que ainda não veio... Ou aquele que nem sabe quem é... Essas valas não representam o fim. Elas são trincheiras! O discurso só parava quando o companheiro de cena dava um cutucão: Oh, maluco, quer ser demitido? Vamos cavoucar!

O coveiro de 24 anos tem um grupo de teatro amador na periferia paulistana. Foi obrigado a trancar a faculdade de filosofia por não ter condições financeiras para pagar as mensalidades. Branco, magro, com cabelos pretos e longos até os ombros, usa uma barba rala e um cavanhaque que lembram um homem do século XVI. Beleza elisabetana florescida em semente paraibana que, na maior parte do tempo, fica escondida sob o figurino de plástico e tecido branco celeste. Mesmo na cápsula de segurança o coveiro, mais oráculo que angélico, empenha-se em confortar os parentes dos mortos e fazê-los entender que muitas vidas poderiam ter sido salvas não fosse a prepotência do presidente do Brasil e de alguns políticos em não dar crédito à voz da ciência e tratar a pandemia como uma gripezinha. Daria tempo de ter salvo milhares de brasileiros, milhares, se o mal fosse encarado como inimigo real antes de ter chegado por aqui. Apesar da armadura sufocar o som, o coveiro-ator consegue projetar a voz e se fazer ouvir.

Ele não hesita em se jogar nos braços das ideias e das palavras. Conversa baixinho com os fantasmas dos mortos. A verdade precisa ser conhecida. Sim, era *fake news*, dona Maria! A tragédia quer um prólogo póstumo! Os colegas dizem que é loucura, imaginação, circo. Mas ele sabe que precisa intervir na cena, que tem mais talento para artista do que para ilusionista de cadáveres. Naquele teatro de mil fossos, o ator emociona-se com as famílias e procura conhecer e interagir com seus dramas. Dribla o chefe, o relógio, as novas regras da necrópole, busca acolher aquelas pessoas entristecidas, machucadas pelo

adeus fugaz e glacial; arrisca-se para tratá-las com a nobreza que elas merecem. Quer restituir-lhes a tão apagada coroa da dignidade.

Brilho mesmo tem as luzes dos drones e helicópteros que estão muito acima das cabeças. Os enterros em série são transmitidos *on-line* e podem ser assistidos na palma da mão. Triste ironia para quem chora os seus mortos e que mal pode chegar próximo ao caixão lacrado. Alguns coveiros comentavam os bastidores da cena vendo tudo no próprio celular. Já o subversivo funcionário tinha os olhos voltados às famílias quebradas, incompletas, muitas vezes representadas por uma única pessoa.

— Por favor, me deixe ficar mais cinco minutos perto da minha mãe, não consegui me despedir dela. Gravei uma mensagem de áudio e enviei para o celular do médico da UTI, pedi para colocarem pertinho do leito para que assim minha mãe pudesse me ouvir mas não sei se de fato atenderam ao meu pedido. Seja gente, seu coveiro, implora uma filha inconsolável...

Todos que pedem, ele atende. Discute com os colegas, produz argumentos, coloca o emprego e a vida em risco. E o caixão lacrado da dona Albani fica alguns minutos a mais sob o olhar da herdeira desolada. A mulher pergunta pelo nome do funcionário solidário, quer levá-lo no coração. Mas ele se recusa a revelar: Minha identidade? Pode me chamar de *Lockdown* — sou poeira da poeira do barro das botinas dos coveiros de Hamlet. O personagem que represento aqui nessa tragédia é a minha humilde homenagem aos dois assistentes da morte que nasceram da pluma de Shakespeare e, com humor e sagacidade, ajudaram o príncipe a pensar, refletir, diz seriamente, cuspiendo terra, atolado entre crânios.

O próximo! ordena o chefe dos coveiros. *Lockdown* logo pergunta: Era sua noiva? 22 anos! Como se chamava a sua musa? Beatriz. Era trabalhadora da saúde. Será minha rainha eternamente, nos casaríamos mês que vem, respondeu o jovem completamente abalado. Ela se contaminou no hospital e em uma semana morreu, mesmo no respirador. Eu tive mais sorte. Também sou enfermeiro. Só você veio acompanhar o enterro? Eu e a irmã dela... A ordem é chegar e enterrar mas vamos dar dez minutos para a última cena dessa história romântica. O noivo se aproxima do caixão e, baixinho, faz uma emocionada declaração de amor. Os colegas de *Lockdown* aproveitam para beber um copo de água e ele improvisa uma

trilha sonora para a cena derradeira de Marcelo e Beatriz. Interpreta *Resposta ao Tempo*, de Aldir Blanc. O compositor também tinha morrido, naquele mesmo dia, vítima da pandemia do coronavírus:

“Batidas na porta da frente, é o tempo. Eu bebo um pouquinho pra ter argumento. Mas fico sem jeito, calado e ele ri... Ele zomba do quanto eu chorei porque sabe passar e eu não sei. Num dia azul de verão, sinto o vento. E há folhas no meu coração, é o tempo... Recordo um amor que perdi, ele ri... Diz que somos iguais, se eu notei... Pois não sabe ficar e eu também não sei... E gira em volta de mim, sussurra que apaga os caminhos, que amores terminam no escuro, sozinhos. Respondo que ele aprisiona, eu liberto. Que ele adormece as paixões, eu desperto. E o Tempo se rói com inveja de mim, me vigia querendo aprender como eu morro de amor pra tentar reviver...”

Viva Beatriz! Palmas para a enfermeira, pede o coveiro às poucas pessoas que estavam espalhadas pelo cemitério e os minguaudos aplausos acontecem. Era o que faltava para completar o teatro de *Lockdown* que pensa no *bis* e também é atendido. Alguém ainda brada: bravíssima! Quanta apoteose no apocalipse. O ator se enfia na cova e, de lá do fundo, reverencia sua rara plateia. Lembrem-se, há algo de maligno no reino do Brasil! finaliza com tom professoral.

Antes da descida do caixão de Beatriz, Marcelo pede ao coveiro para retirar do fundo da vala um objeto que lhe causa estranheza. O que é isso? pergunta o noivo. *Lockdown* pega, limpa bem com as mãos e esclarece: O que sobrou do crânio de uma vaca! O bicho deve ter morrido aqui há muitos anos. Toma! Segura! E joga a cabeça da ossada bovina para o enfermeiro. Marcelo olha fixamente para a máscara branca de gado e, envolvido por um breve silêncio, parece hipnotizado por aquele fóssil composto de cálcio e fósforo. Acorda, Hamlet! Sua Ofélia vai partir, instiga *Lockdown*. O rapaz coloca a caveira ao lado dos próprios pés e joga margaridas sobre o caixão da amada.

A enfermeira é enterrada. Sem olhar para trás, Marcelo e a cunhada deixam o trágico teatro. *Lockdown* pega novamente o crânio da vaca e observa os ossos tortuosos e cheios de fissuras, os côncavos que assinalam o lugar dos olhos, das narinas ofegantes, os vazios agora escavados na face... Se você ainda tiver alguma dúvida pode perguntar que eu esclareço, diz ele ao fragmento de ossada com prazerosa ironia. Depois, prende a cara descarnada do animal numa pequena cruz de madeira sob os olhares da próxima

família e começa outro monólogo: Precisamos corrigir nossos caminhos, mudar a rota que nos trouxe a esse inferno. Seguir o rastro da poesia, as pegadas dos poetas... Quem, de fato, matou esses brasileiros? O vírus ou a indiferença desse governo?

De mãos dadas com o teatro e a morte, *Lockdown* deixa o cemitério à meia-noite com o pelotão de coveiros. Alguns vão embora de carona na van da prefeitura, outros de moto ou de bicicleta. *Lockdown* segue a pé e solitário porque mora perto do trabalho. Chega em casa, toma um banho frio, bebe uma cerveja, come um sanduíche e vai deitar na rede da varanda. Fuma o último cigarro daquele longo dia, até ensaia abrir um livro mas, morto de cansaço, adormece pensando no amor roubado de Beatriz e no reino de esqueletos chamado Brasil.

Cripta-Domingos

Por Kátia Bandeira de Mello Gerlach

Hoje é domingo e amanhã, que é hoje, é domingo. Neste movimento em que os anos perdem os seis sentidos, como se se livrassem de dedos, uma semana de domingos se somará a semanas dominicais, e juntando as peças miúdas, o calendário será preenchido por domingos. Em inglês ou alemão, Sunday oder Sonntag, dia solar musculoso e maiúsculo. Bom domingo, repete o vizinho ou o pensamento. As vozes se confundem: sou eu o vizinho, ou o pensamento começou a inventar vizinhos, ou os vizinhos inventam pensamentos que flutuam no ar como jatos nocivos de aerossol.

Um mar de nuvens paira sobre as montanhas desejoso de aterrissar sobre a cabeça abalada por pensamentos e vizinhos e o que se repete é a saudação de um bom domingo, gratidão pelo domingo que anoitece e amanhece sem parar. O céu preserva-se intacto, os jardins resignaram-se a semear domingos, e nunca será tarde para reparar nas árvores e plantas transformadas em seres dominicais, arrebatando o ar numa sequência de sermão eucarístico. Os acontecimentos insistem na fixação dominical, um entra e sai do altar; quem comunga o pãozinho matinal absorve a inviabilidade de uma segunda-feira ou o retorno de uma semana litúrgica completa, munida de dias densos como o caldo de lembranças acumuladas no lobo pré-frontal e no hipocampo do cérebro.

Um ou mais vírus voam pelas asas de pequenos morcegos aventureiros, replicando o processo da polinização, dispensando as abelhas ameaçadas de extinção. Conhecedores profundos das noites e das estrelas e, antes relegados a coadjuvantes em filmes de terror, os morcegos acabaram por aceitar o papel de protagonistas. Stephen King não se surpreenderia se o morcego número um, o principal propagador de uma epidemia em 2020, ganhasse a estatueta do Oscar galardoada ao “Parasita” de 2019.

Corona, o vírus de sequência decodificada em laboratório, é populista e pode alcançar a dimensão de um Alexandre, o Grande. A história contemporânea mostra a atração do eleitor comum (este ser cheio de incógnitas raramente desvendadas por pesquisas e gráficos) por líderes com personalidades, no mínimo,

desagradáveis como resfriados, ou nos quadros extremos, graves infecções pulmonares. Líderes explosivos, sem papas nas línguas, sacodem a poltrona do eleitor comum, distraem-no das séries televisivas. O par incurável do populismo com o narcisismo nutre pragas que permeiam a humanidade, inclusive a vindoura praga dos livros sobre a praga. Quando o império do Corona sucumbir, incendeiem-se estas páginas e deixem O Decamerão de Boccaccio reinar supremo em seu altar. Há coisas do passado nas quais não se mexe, é brincar com o fogo.

Sobre livros: para os leitores que encomendam exemplares pelo correio real, pois que saibam que os livros, como os humanos, precisam ser desinfetados e depositados num canto de quarentena. Debate-se como melhor expurgar livros já que, como a medicação contra malária aplicada de forma errada no corpo doente, os livros podem ser destruídos e virarem pó no processo.

Sobre o pó: enquanto os caixões são fumigados por um soldado na igreja de San Giuseppe em Seriate na Itália, o combate se estende pós-morte na China, onde os cadáveres saem dos necrotérios hospitalares para crematórios e nunca se vendeu tantas urnas. À guisa dos indivíduos pulverizados em fornos, as urnas são iguais, produzidas em massa. As orquestras sinfônicas tocam, cada músico com seu instrumento num quadrado virtual. YoYoMa exibiu um concerto de cello solo.

Sobre o fogo: escritores do ramo de Franz Kafka, um profeta, devem considerar queimar páginas preenchidas pela sépia, ou cepa, da pandemia. Não se recomenda perpetuar no papel isto que se vê, é preferível a folha em branco, a cegueira intermitente de Saramago, a gota serena da qual se cria cidades e habitantes invisíveis, como se saísse de um estado de comatose. Remete-se ao filme “Goodbye, Lenin” passado na Berlim de 1989, quando a mãe despende o tempo da queda do muro sedada e desperta numa cidade inexistente simulada pelo filho a fim de evitar o choque da transformação do leste em oeste. As chamas que desintegram os corpos mutilados pelo Corona podem levar consigo os livros provocadores de pânico e terror aos vivos. Muitos estão prestes a morrer de medo ou a testemunhar uma catarse universal. Uns temem os domingos, outros temem as sombras dos domingos. Esta vontade de fogo advém da pressa do indivíduo em retornar ao pó e interromper a visão do sofrimento estampado nas manchetes de jornais domingueiros preguiçosos.

De modo inusitado, o Corona trouxe os hospitais e comunidades marginalizadas para as primeiras páginas das edições parrudas de domingo. Os moradores de rua, vetores de transmissão como os morcegos, começaram a incomodar e foram armazenados em ônibus inoperantes nos depósitos periféricos. Quando antes se ignorava a falta de saneamento e recursos básicos da maioria da população, ou as filas de quarteirões ao redor de hospitais públicos, as eternas macas nos corredores da morte, os doentes sem acesso a um lençol para cobrir o corpo, o advento deste vírus contagioso estremeceu as centrais de emergência. No metrô de Nova York, em abril, incendiários acendiam centelhas nos trilhos. Suspeita-se que fossem escritores obcecados livrando-se de seus livros e enaltecendo a coragem de Anna Karenina ao atirar-se em frente ao trem de Chirico e encerrar o seu percurso como personagem de Tolstói. No New York Presbyterian Hospital, um paciente com câncer suicidou-se ao receber o diagnóstico do Corona em plena invasão das suas vísceras, enforcou-se com os lençóis que faltam aos doentes nos hospitais públicos brasileiros.

Um bravo nova-iorquino atirou-se da janela de um edifício downtown e no Queens, em Throggs Neck, um anônimo pulou da ponte. O corpo permaneceu estirado na margem do rio, os que caminhavam naquela manhã esqueceram do distanciamento social imposto e se aproximaram do defunto. Queriam tocá-lo, sentir a sua humanidade esfriada pela água e pela morte. Camus não apenas escreveu sobre A Peste, tratou dos suicídios em seus escritos. A médica chefe do ambulatório se envenenou por não suportar a impotência de Sísifo diante da força destruidora do Corona. Antes da mais recente pandemia viral, discutia-se em certos círculos a pandemia de suicídios entre os jovens universitários americanos, os menos vulneráveis à pandemia do Corona; haveria o Corona retardado os suicídios juvenis.

Para contrastar com a brancura de uma cidade de fábula nórdica, feita de neve e tábuas de madeira, os pássaros que proliferam são os corvos contemplados por Poe. Os corvos distinguem-se dos urubus pelo seu porte elegante, o seu bico pontiagudo, olhos acesos. Nas praias dos trópicos, nos balneários, observa-se os urubus que devoram os restos dos peixes deixados por pescadores. Naquelas praias, o pescador arranca as partes que lhe interessam do peixe e joga os restos na areia e isso faz parte da abundância que a natureza brasileira oferece, sobra para alimentar os urubus. Em lugares de escassez,

como no interior do sertão nordestino, uma cabeça de peixe alimenta uma família inteira com um bom pirão de farinha de mandioca, a única farinha que não se consegue comprar no supermercado da cidade imaginária. Na prateleira do supermercado, encontra-se uma fileira de farinhas: de trigo, de milho, de amêndoas, de nozes, de avelãs, de fécula de batata etc. etc. mas a farinha de mandioca não chega à profundidade do hemisfério norte. Um senhor de cabelo grisalho que arruma as alfices de manhã calça luvas e veste máscara. O Corona marcha, lança-se nas caravelas de Sagres e busca-se um Camões para elaborar versos dignificando os dois astronautas da tripulação da SpaceX. Após um lançamento interrompido pelas névoas, estes homens completaram uma semana de dias úteis na estação espacial internacional, onde esquecem que, na terra, ninguém escapa do magnetismo dos domingos.

Felizados os que possuem janelas abertas para as ruas ou varandas no ano lunar do Rato. Das janelas, quando as luzes da cidade se apagam, a estação espacial que orbita o planeta há vinte e dois anos, pode ser avistada como uma estrela. Uma estrela que brilha de horizonte em horizonte. Uma estrela intrusa, acesa aos olhos do cosmos pela vontade intelectual humana. Das varandas, italianos cantam réquiens, franceses rezam com Piaf e Aznavour e brasileiros embalam as almas com samba, música sertaneja, forró, frevo, o ritmo que for, para além dos cultos e sermões dominicais. Há quem se exaspere com a bateria de sons e vislumbre confinar-se num silêncio inteiro, quase ou totalmente divino. Ana Branco fotografa aqueles que veem a vida passar debruçados sobre os umbrais das janelas e varandas. Nara Leão e a banda partiram precocemente.

Sobre “A Festa no Céu”: corvos e urubus não funcionam como pombos correio ou morcegos transmissores, não atravessam a estratosfera, sequer circundam o mundo, e jogam poeira nos olhos como elementos do vento. Desistiu-se de treinar pombos para carregarem mensagens de amor nestes tempos absolutamente antirromânticos. Os pombos, cujos filhotes nunca são vistos até que se confundam com suas mimeses adultas, espalham-se em matizes cinzentas e desenvolvem manchas coloridas nos pescoços conforme envelhecem e escurecem os seus bicos como bocas humanas violetas. O segredo dos borrachos se guarda nos ninhos em penhascos e cavernas, ou lugares que se assemelhem às rochas que os alcunham de “pombos das rochas”. Há uma sabedoria nestes esconderijos armados pelos pais para que os filhotes se

fortaleçam, efeito comparável ao do isolamento humano exigido para achatar curvas epidemiológicas. Sob o comando do Corona, inverte-se a regra porque a necessidade de abrigo se faz mais prevalente entre os progenitores, os borrachos são superiormente resistentes. Ademais, a despreocupação bíblica com a fome é marcante entre ovíparos. Estes seres que não vivem de sermões dominicais, existem numa definição de fé diferente da humana, confiam em domingos luscos.

Desconhece-se se acaso as aves sonham ou se a ciência que as acusa de descendentes de dinossauros é correta. Apenas um filósofo como Swedenborg seria capaz de comprovar a ligação entre os anjos, as almas e os pássaros errantes. Assistido pelas lentes do binóculo, o escritor americano Jonathan Franzen corria mundo para avistar aves raras até que os aviões pararam de voar. Na prática da ioga, o corpo é a casa, e a casa é o corpo. As cavidades do coração se expandem com amor e compaixão. O menino de doze anos chega ao parque, ouve os sons ao redor e magicamente localiza sobre a copa da árvore corujas e águias e, num dos galhos remotos, aponta para o casal de cardeais vermelhos. Ele abre mão do binóculo, basta-lhe intuição.

Antecipando uma vacina contra a Terceira Guerra Mundial, centenas de cientistas trabalham de domingo a domingo à caça de anticorpos, usam plasmas de antigos enfermos. Os cientistas colaboraram no desfecho da segunda guerra mundial inventivamente. Camus construiu “A Peste” como a metáfora sobre a doença do fascismo, que antecede o capitalismo de estado vigente. O carismático Corona surge como furúnculos na pele de infectados e reivindica o realinhamento da participação do estado na economia, os mais árdios defensores capitalistas, as corporações, estendem o pires aos governos para obterem os frutos do suor dos operários da modernidade. As máquinas que imprimem dinheiro de papel equivalem a respiradores hospitalares. Eis que os morcegos de domingo giram em torno de cripta-moedas, cripta-ideologias e balões de oxigênio, sendo que o vitorioso Corona vive anaeróbico por horas insondáveis, enquanto os humanos sufocam em menos de um minuto com um joelho alheio fincado no peito.

520, um monólogo

Por Fred Di Giacomo

— Bróder, posso falar uma coisa entre nós?

— Claro!

— Esse lance de copiar os Estados Unidos em tudo...

— Ah, a gente é muito colonizado, né?

— Tipo, não existe mais racismo no Brasil, tá ligado?

— Em que Brasil?

— No nosso Brasil, pô! Aqui nunca foi que nem nos Estados Unidos, que nem na Alemanha, essas porras de forno e câmara de gás, saca? Não foi um troço oficial.

— Sei lá, mano, sempre convivi com racismo.

— Mas você é branco, cara.

— Por isso mesmo. Sempre convivi com racistas, ué.

— Ih, lá vem.

— Lembra quando meu irmão ficou com uma menina negra na festa de RP?

— Não lembro, não. Ficou, é?

— Ficou, ficou.

— Seu irmão também era pegador pra caramba, hein?

— Eu lembro que vocês disseram que ela parecia o Kanu.

— Kanu?

— Aquele jogador da Nigéria.

— Falamos?

— Sim, pô, não lembra?

— Ha, ha, ha, nós é foda... Devia ser baranga também, né? Ah, fala sério, não pode falar quando mulher é feia agora? Se fosse baranga branca a gente zoava também.

— Mas não foi só com essa. Quase todas mulheres negras do nosso estágio tinham apelidos secretos: Predador, Macunaíma, Aquático...

— Pô, não é bem assim. Olha só, cê já trepou com uma neguinha? Aposto que não. Todo esse discurso e... Bom, eu trepei e gostei, viu?

— Olha, aí, tô falando...

— Mas tô dizendo que gostei da mina, porra!

— Posso dar um exemplo?

— Manda.

— Trabalhei como jornalista dez anos antes de ganhar o Jabuti, né?

— Claro, puta orgulho, passou pelas maiores revistas do Brasil. Vários prêmios e tal. Avanhadavense mais famoso do país!

— Pois é, e não podia ter negro na capa das revistas.

— Como assim?

— Falavam que não vendia, que o público não se identificava com o negro.

— Ah, duvido, isso é teoria da conspiração, vai.

— Aconteceu comigo, cara, tô falando. Comigo e com meus colegas.

— Pô, mas isso não é racismo, é a lei do mercado. Você mesmo disse que negro na capa não vende revista. O dono vai fazer o quê? Caridade? É a mesma coisa que você obrigar as pessoas a comprarem um jiló pra cada três tomates. Ninguém gosta de jiló.

— Mas, mano, pensa: se você escolhe quem pode ou não aparecer em capa de revista, você cria uma realidade paralela, onde o negro não existe fora das notícias policiais.

— Pode ser, sei lá, não manjo dessas coisas cabeça.

— Cara, e não é só uma questão de capa de revista. Fui produzir um ensaio com várias modelos pra um site; ensaio sensual, saca?

— Ha, ha, ha, cê é safadão, igualzinho seu irmão.

— Então, o fotógrafo selecionou as seis modelos mais gatas da agência. Aí, me ligou e perguntou “Tem uma das meninas aqui que é morena. Tem problema?” E eu falei “Como assim?” E ele: “Não me leve a mal, eu não sou racista, mas é que tive muito problema aí com modelo negra, sabe? O pessoal não gosta.”

— E você?

— Mandei fotografar, claro. Eu não ia conseguir ficar no trabalho se tivesse cortado alguém só por causa da cor.

— Porra, cara, do jeito que você tá falando parece que é mais difícil um negro sair na capa de uma revista do que entrar numa universidade.

— Se bem que nossa universidade era pública, mas tinha no máximo o quê? Dois negros pra cada 40 alunos?

— Mas era faculdade em São Paulo, né? Um estado mais branco, questão de porcentagem.

— 40% da população é negra em São Paulo. 40%, cara. Dois alunos por sala dá só 5%.

— Ah, mano, sei lá, não curto discutir política, manja? Tudo isso que você falou é verdade mesmo? Por que você nunca escreveu um conto sobre isso antes?

— Pô, mas vou escrever um conto sobre essas fitas? Depois nunca mais arrumo emprego.

— Sei lá, pelo menos aprovaram a redução da maioria penal, né?

— É...

— Ih, que foi? Ah, para, isso não tem nada a ver com direita e esquerda. Fala a verdade, não é bom?

— Pô, não consigo entender como a redução da maioria penal vai resolver o problema da violência no Brasil.

— Para, cara, quero ver quando alguém da sua família for estuprado por um traficante menor de idade. Você vai chorar pra quem? Pro Batman? Pro Boulos?

— Será que o Thor vai rodar agora?

— Ah, ele atropelou um tiozinho, não foi bem “matar matar”, né?

— Atropelou e matou, ué.

- Mas ele não tinha a intenção, coitado, tomou o maior susto. Tá até hoje a base de Rivotril.
- Mas pelo novo estatuto ele deveria ser preso. Ainda mais dirigindo em alta velocidade e bêbado.
- Tá louco, cara, imagina o Thor na cadeia? Aquilo é um inferno, não é pra gente que nem nós. Pensa, cara, ele só cometeu um erro. Imagina estragar a vida dele bem agora que ele vai fazer intercâmbio no Canadá? Thor é irmão da Poli, bróder, nossa amiga. Para!
- Ué, mas você não é a favor da redução?
- Eu sou, mas pra bandido—bandido saca? Aqueles filhas da puta que ficam estuprando, matando, com cara de ruim. O Thor tinha cara de gente normal.
- Tipo o filho do Luciano Castro.
- Pô, que que tem ele? O Castro é um dos empresários que mais acredita nesse país. Sabe o tanto de gente que ele emprega aqui na região? Os caras levam o Brasil nas costas, bróder.
- Mas você lembra que o filho dele chapou uma menina e forçou ela depois?
- Ah, para, cara, ele tinha 14 anos, nem sabia o que estava fazendo. E não foi bem estupro-estupro, né?
- Sério?
- Pô, estupro-estupro é quando entra um neguinho na sua casa e espanca sua mulher e come ela na marra, entende? Hoje em dia, também, tudo é estupro. Daqui a pouco até eu vou virar estuprador.
- Como assim?
- Ah, cara, isso aí é meio que histeria feminista. Estuprador-estuprador não é gente que nem eu e você. Esses Champinha aí da vida tem que castrar, mesmo, jogar na cadeia pra virar mulherzinha.
- Cara, você lembra do Breno que morava em Glicério?
- Putz, meio que lembro.
- Lembra de uma história em que ele ficava com uma mina que era a fim dele, mas ele não queria mais nada e a mina não desgrudava?
- Pode crê, a mina era mó chiclete,né? Toda romântica e o Brenão só querendo putaria.
- Aí, um dia ele falou que só ficava com ela, se ela des...
- Ha, ha ,ha, o Brenão era safo. Aquele era malandro.

— Pois é, a mina não queria, ele pressionou, ela acabou topando e, na hora h, machucou, sangrou, aí ele mandou ela ir embora, xingando de porca, nojenta...

— Foi meio pesado.

— Meio?!

— Ah, bróder, eu entendi seu ponto, mas é que o Brenão era um cara bem retardado. A gente não é assim, vai.

— Claro que é, velho, se liga, toda pornografia que a gente vê, é tudo meio estupro.

— Bróder, fale por você: eu tô namorando minha novinha tranquilo. Nem punheta tô batendo. Quando quero sexo é só jogar uma ideia.

— Mas mesmo namorando, quantas vezes você não forçou a barra?

— Ah, mano, mas é namoro, né? Meio que faz parte do combinado. Se for assim, então, até eu já fui estuprador?

Conversavam há horas ou há dias, nunca saberemos. Conversavam há 520 anos e estariam conversando, ainda hoje, sem perceber o mar vermelho que se acumulava sob seus pés ameaçando afogá-los. O santo tentava com amor convencer o anjo caído de seus pecados. Pelo diálogo, pelo sermão, pelo exemplo; um dia esses dois irmãos haveriam de se reconciliar. Tão distantes, mas tão próximos.

Debatiam ou apenas olhavam-se no espelho? A voz que vinha da direita, máscula e grave, não se diferia plenamente da voz que convergia pela esquerda.

Quando a sombra se aproximou da dupla, eles não a perceberam. Aqaltune ressurgiu, altiva, de lança prata na mão e varou os pálidos siameses. Ao que era mal espetou pelas costas, sem concessões. O que se absteve, que foi cúmplice, foi atravessado no peito, mas teve a chance de vislumbrá-la. Morreu com um alívio no rosto.

Sobre a montanha de músculos daqueles homens sangrados, ergueu-se, enfim, alguma justiça.

Errância: Late Afternoon

Por Carolynne Wright

(Anna Maria Maiolino, “Errância Poética” — from *Da Terra Series*)

*Their footprints lead away from the brick kiln
past storage urns of pummeled, thumb-pressed clay
waiting in darkness for the potter. Their tracks
stray across the cobbled patio and studio garden
where the tortoise family feeds on mango pulp
and overripe papaya round a terracotta plate.*

*They move through the palm grove’s fallen coconuts
and into shade of the wide, whitewashed veranda
where they kick off flip-flops and unfasten sandal straps.
Bare-soled and empty-handed, they let themselves out
through the heavy grille-work gate, over dune grass
and onto the narrow, plank-work pier that crosses*

*the tidal stream. At the pier’s end, their naked feet
press into the ladder’s splintered rungs. They let go
and drop to the sand, where the praia extends a mile
at low tide into the Bay of All Saints.*

*Sun declining in the tropic sky, how far to wander,
they ask themselves, as evening shorebirds fly low*

over the tide’s returning swell and night mists gather?

Publication credit:

First published by Hauser & Wirth New York, 2018, on a gallery “take-away” card for the exhibit, Errância Poética (Poetic Wanderings), of work by Anna Maria Maiolino (14 Nov — 22 Dec 2018). In collaboration with the Poetry Society of America.

Errância: à Tardinha

(Anna Maria Maiolino, “Errância Poética” — from Da Terra Series)

Suas pegadas levam para longe do forno à lenha
passando urnas de estocagem de argila socada
e desenhada a dedos
esperando na escuridão pelo oleiro. Suas trilhas
vagueiam pelo pátio de paralelepípedos e o jardim do estúdio
onde a família de tartarugas devora polpa de manga
e mamão passado em volta de um prato de terracota.

Movem-se entre os cocos caídos do palmeiral
e para dentro da sombra da larga varanda caiada
onde chutam chinelos e soltam tiras de sandália.
De solas nuas e mãos vazias, deixam-se sair
através do pesado portão gradeado, sobre a grama
de dunas e no cais estreito de tábua que cruza

o fluxo das marés. No final do cais, seus pés descalços
pressionam nas lascas dos degraus da escada. Soltam-se
e pousam de pé na areia, onde a praia se estende
meia légua na maré baixa da Baía de Todos os Santos.
O sol declinando no céu tropical, até onde vagar,
perguntam-se, enquanto as aves costeiras da noite voam baixo

sobre o retorno inchaço da maré e as névoas noturnas se reúnem.

Tradução para o Português da autora com Emanuella Leite Rodrigues de Moraes, Décio Torres e Marcelo Thomaz.

Crédito da primeira publicação:

O poema no inglês original foi publicado pela primeira vez por Hauser & Wirth New York, 2018, em um cartão da galeria “take-away” (para levar) para a exposição Errância Poética (Poetic Wanderings), de arte de Anna Maria Maiolino (14 de novembro a 22 de dezembro de 2018). Em colaboração com a Poetry Society of America.

About the Origin of This Poem — by Carolyne Wright

In October 2018, I was invited by Hauser & Wirth Gallery in NYC (in conjunction with the Poetry Society of America) to write a poem in response to a work of art in their upcoming exhibit, Errância Poética (Poetic Wanderings), from Da Terra series, by Italian-born Brazilian artist Anna Maria Maiolino. The poem would be printed on a take-away card featuring the artwork on one side and the poem on the other, and it would be free to gallery visitors. Since I had just spent two months in Bahia, Brazil, on an Instituto Sacatar Artist Residency, my thoughts were full of imagery from Bahia, and the sounds and rhythms of Bahian Portuguese. The poem's errância takes place on the island of Itaparica in Bahia, and incorporates terms and materials from the artwork—tactile images, shapes, and textures—as well as the human inhabitants, possibly artists of Sacatar, who are moving through the landscape of the poem.

Sobre a origem deste poema — por Carolyne Wright

Em outubro de 2018, fui convidada pela Hauser & Wirth Galeria em Nova York (em conjunto com a Poetry Society of America) para escrever um poema em resposta a uma obra de arte em uma nova exposição, Errância Poética (Poetic Wanderings), da série Da Terra, da artista brasileira nascida na Itália, Anna Maria Maiolino. O poema seria impresso em um cartão para os visitantes levarem, e apresentaria a obra de arte de um lado e o poema do outro e estaria de graça para os visitantes da galeria. Desde que eu acabei de passar dois meses na Bahia, Brasil, em uma Residência Artística do Instituto Sacatar, os meus pensamentos estavam cheios de imagens da Bahia e dos sons e ritmos do português baiano. A errância do poema acontece na Ilha de Itaparica, na Bahia, e incorpora termos e materiais da obra – imagens, formas e texturas táteis – bem como a vida animal e os habitantes humanos, possivelmente artistas do Sacatar, que estão se movendo pela paisagem do poema.

Luzia

Por Maira Garcia

Ela atendeu o último cliente e ascende a luz amarela atrás do Sol que faltou naquele quarto. O olho borrado vai manchar o lençol. Quando for uma hora, a mãe dela vai ligar para falar como anda a menina, o que aprontou na escola, o que descobriu sem ter ela por perto. O quarto deserto recolhe as sombras do dia. Perto das duas horas, depois do choro, toma um banho, esfrega o azeite no olho e aproveita pra tirar a maquiagem. Toma um leite morno, veste o short de malha e a blusa de gorro e apaga o Sol ao se esconder debaixo da manta bordada da avó. Pede pra sonhar com a filha, e que Deus a proteja que amanhã ainda é dia.

* * *

O mundo está acabando,
disse uma matéria
do jornal
que embrulhava o peixe
Na feira.
O mundo está acabando
e quando acabar
eu quero ver você
pra gente arrumar
a casa que a gente vai morar.
A casa que vai receber o jornal
dizendo que o mundo não acabou.
Que era tudo fake news.

* * *

Você tem dormido
comigo e não sabe,
sinto sua batata
da perna
quando abraço
suas costas,
sinto outras coisas

mas dizer seria
um embaraço,
não importa.
Então continue dormindo
comigo,
eu agradeço a preferência,
tem sido a alegria
da minha quarentena
contar com a sua perna
e presença.

* * *

Ouçó o barulho
lá fora,
Sinto medo.
O barulho lá fora,
E você aqui dentro
É silêncio.

Resíduo

Por Ana Squilanti

Toca o interfone na cozinha e eu já me preparo para dizer que não pedimos comida, nem estamos esperando alguém. Seu Geraldo sonda se está tudo certo aqui. Vi vocês na câmera de segurança subindo as escadas do prédio, chinelos nos pés e moletom, os moletoms surrados desbotados que usamos para ficarmos em casa. Ultimamente só ficamos em casa.

Vi pelo visor você e a Marina subindo correndo, pulando degrau e parando em frente ao 82, a Marina levando uma vassoura na mão, o morador para fora do apartamento, a outra moradora mulher mãe da criança, ela e a criança deviam estar para dentro. Elas estavam dentro? Sim, estavam bem.

Deu para ver o lábio dele sangrando também, Geraldo? Deu nada, a imagem aqui é preto e branco, de baixa qualidade, feito TV antiga em visor de pouca polegada. Ele sangrava, cortou a gengiva, sabe se lá como, escorria fino pelo canto da boca, ele só foi perceber quando indiquei. Manchou a manga da camiseta limpando.

Subimos ao ouvirmos os gritos, mais de um, em sequência espaçada. Marina dançava ao som da música enquanto cozinhava, quando um PARA foi dito e não fazia parte do texto. Depois soaram umas batidas descompassadas da bateria, percussão essa banda não usa, falei: diminui. Ela desligou a caixa e ouvimos uma porta ser esmurrada, um grito outro, VAI EMBORA. Não esperamos dizerem SOCORRO para subirmos com qualquer coisa que virasse arma. Era voz de mulher. VAI EMBORA. Mandando homem para fora. VAI EMBORA, GUILHERME.

Só que quem sangrava era o Guilherme, que eu acabara de descobrir o nome, o lábio rosado o olhar assustado, desculpa, meninas, ele pediu e abaixou a cabeça quando nos viu aparecer na esquina do hall. Foi uma briga acalorada demais, o fogo chegou em vocês lá embaixo, no... 63? Desculpa.

Deu para ouvir os gritos aqui mais embaixo também, Geraldo me conta. Alguns vizinhos ligaram na portaria saber o que acontecia. Eu me pergunto por que somente nós socorremos? Briga de marido e mulher, ele talvez respondesse. Foram seis denúncias no prédio nos últimos tempos.

Seis? Seis casos de violência doméstica. A polícia veio em dois, eu chamei em um. Em três foi verbal, nos outros foi para o físico. Vaso quebrado, garrafa jogada pela janela, um braço luxado. Os casais não têm conseguido conviver direito na quarentena, é tempo junto forçado demais.

No 15 a briga começou por louça e no 94 pela velocidade que um deles trocava de canal. O 123 está com vazamento no cano do banheiro, mas quem brigou entre si foi o 113. Está tudo bem aí, meninas, com vocês? Sim, está. Mulher com mulher não tem dessas, né? Até tem, não aqui. Eu olho de esguelo para a Marina, que divide o interfone comigo, duas orelhas para o alto-falante, os corpos perto. Ela aperta minha cintura.

Geraldo soa preocupado do outro lado, sinto ele tirando as pelinhas laterais à unha enquanto fala. Se você quiser ligar para saber como as pessoas realmente estão tem que ser em código, Geraldo, ou então a verdade se perde, mal acha caminho.

Treinamos. Desligo o interfone. Ele toca novamente.

— Alô! Aqui é da portaria.

— Oi, seu Geraldo.

— Oi! Tivemos alguns casos de violência no prédio, estou ligando para saber se você está bem.

Quando eu perguntar do seu lixo domiciliar, você diz que pode continuar a descer com ele, se estiver tudo ok com a senhora, e se não estiver, me diz que prefere que busquemos no andar, aí a gente vê o que pode fazer. Você precisa que peguemos o lixo?

— Obrigada, Geraldo, eu cuido dele.

— Certo! Boa tarde.

Coloco o fone no gancho, a orelha feliz de ficar longe dali, doída do tempo pendurada, doída de tudo que ouviu. Marina tem a orelha vermelha também, tem a mão ainda na minha cintura, a mão que agora treme e desce pro punho, aperta minha palma, a ponta dos dedos. Ela estica as duas mãos para os restos de fruta na pia, passados demais para virarem suco, para a caixinha vazia de leite, e eu vou ao banheiro e trago a sacolinha de lá, pego umas garrafas e embalagens de salgadinho do pé do sofá.

Jogamos tudo no saco preto de cem litros no latão, até o imaterial que despejamos há pouco uma na outra, depois de presenciarmos a briga dois andares acima. Damos dois, três nós, bem fortes, na boca do saco, checamos se nada dali escorre, e descemos juntas com o lixo.

Alerta Brasil

Por Mariana Salomão Carrara

Nunca trabalhe
nem tome um café sozinho
onde houver uma escola um recreio.
As crianças têm mania de gargalhadas
sem merenda sem pai sem país
Nunca trabalhe
com as gargalhadas ao fundo
espicaçando a sua tarde
sem merenda sem país
O seu ouvido paralisado
gargalhadas
Sua mão gigante:
o gira-gira paralisado
paralisado o pega-pega
Silêncio! o seu grito
o recreio paralisado:
Atenção, crianças,
o futuro acabou.

Uma rede cor de palha

Por Christiane Angelotti

Um aroma inebriante de bolo recém tirado do forno tomava conta da casa. Enquanto o bolo esfriava e Dulce preparava a cobertura de brigadeiro, era imediatamente transportada para cinquenta anos atrás, em que ela, aos seis anos, se equilibrava na ponta dos pés para ver a mãe retirando a panela de brigadeiro do fogão, ansiando em ajudar a enrolá-los, embora a mãe soubesse que não era bem essa a única intenção da menina. Era uma época feliz, da qual Dulce lembrava com nostalgia e resignação. Ela acreditava que na vida todos têm sua cota de felicidade e a dela havia sido consumida em alguns períodos da infância.

Dante, seu cachorro, estava completando onze anos e, como todos os anos, Dulce preparava um bolo para comemorar. Ele era um cão vira-latas que ela adotou quando tinha aproximadamente um ano, magro, bege encardido e de olhar triste. Ele tinha uma história de maus tratos em sua antiga casa. Foi resgatado após uma denúncia e foi parar em um lar temporário, na casa de Eduarda, colega de trabalho de Dulce. Eduarda contou para ela que o cão morava em uma casa de praia e passava fome, pois só era alimentado quando seus donos iam para lá. Ficava trancado em um pequeno quintal sem cobertura. Ao relento. Tomava sol e chuva. Passava frio e calor. Não tinha interação com seres humanos e apenas quando o casal, dono da casa, chegava, mais ou menos de quinze em quinze dias para passar o final de semana ou uma temporada, ele recebia ração e água fresca que ficavam lá ao relento até que acabasse. Ninguém compreendia como ele não havia morrido ainda. Dulce, ao conhecer um cãozinho tão novo com essa história, logo se apaixonou. E se reconheceu nele. Ela também era uma sobrevivente.

Quando criança, pouco tempo depois do seu aniversário que ficaria marcado em sua memória como um momento feliz, sua mãe desapareceu misteriosamente junto com seu irmão caçula de apenas cinco meses. Ela nunca esquecera a sensação e o desespero de chegar em casa e não encontrar a mãe. O pai, que fora buscá-la na escola após o expediente de trabalho, ficou transtornado. Procurou a mulher pelo sobrado

em que moravam várias vezes. Checou se o telefone estava funcionando. Ligou para os sogros, para alguns amigos e nenhuma notícia. Saiu chorando pela rua, com Dulce em seu colo. Perguntou aos vizinhos, mas ninguém tinha visto sua esposa. Ao anoitecer ligou para a polícia, que só registrou o desaparecimento no dia seguinte. Horas se passaram. Depois dias, semanas... E nenhum sinal. A investigação policial registrou a denúncia como abandono do lar, uma vez que ela havia levado malas com roupas dela e do pequeno José.

Dulce jamais superou essa ausência. Nunca deixou de sentir que foi preterida pela sua mãe, que só levava o bebê com ela. Seus avós maternos ficaram abalados e brigaram na justiça contra o seu pai para ficar com a sua guarda. Mas a briga demorou muito. Enquanto isso, a menina convivia com períodos de tranquilidade do pai e outros em que ele perdia a luta contra o alcoolismo. Como o cachorrinho Dante, Dulce conhecia muito bem o que era ficar trancada em casa sem comida por alguns dias. Sozinha e assustada. Conhecia o medo, a rejeição e até a dor de ser espancada, sem compreender o motivo. Cresceu com o pai a chamando de “karma” e “castigo”, e reforçando que “nem a sua mãe te quis”. Quando estava sóbrio ele pedia desculpas, tentava agradar, mas a ferida já estava aberta. E sangrava.

A pequena Dulce passou uma parte da infância em um lar temporário, onde ficava a maior parte do tempo sozinha, pois as crianças mais velhas a agrediam. Voltou para a casa do pai quando ele se casou e mudou de vida, mas já não era bem-vinda. Morou com os avós maternos dos quinze aos vinte anos, época feliz, mas a jovem Dulce já não se permitia sentir felicidade e se isolava.

Aos vinte e cinco anos começou a trabalhar como revisora em um jornal. Não foi ao enterro do pai. Aos trinta, quando sua avó morreu, ela não chorou. Ficaram só ela e o avô, que encontrava somente em casa à noite e não tinham assunto. Quando ele ficou muito doente, Dulce internou-o em um asilo. Não gostava de visitá-lo, o lugar tinha cheiro de urina e mofo. Três anos depois ele faleceu.

Dulce agora era sozinha no mundo.

* * *

Dante demorou para fazer amizade com Dulce. Para ela, um mês pareceu um ano. Por outro lado, em pouco tempo o pequeno cão já tinha outra aparência. Estava gordinho, seu pelo bege ficou macio e brilhante. E até o seu olhar foi enchendo-se de vida e alegria. Dulce levava Dante impreterivelmente a cada quinze dias ao pet shop. Ele era um cão de dentro de casa e precisava estar sempre muito bem cuidado. Dulce e Dante moravam em uma pequena casa de vila que ela comprou havia quinze anos.

Dulce nunca se casou e não teve filhos. Também não tinha amigos, tinha colegas, como ela gostava de reforçar para si mesma.

Antes de se aposentar almoçava com os colegas de trabalho. Sempre reservada e fechada. Muitos deles não gostavam dela, diziam que Dulce não sorria, não falava de sua vida. Só conversava de coisas pontuais de trabalho, mas por algum motivo Eduarda gostava de Dulce. Por quase doze anos se sentou ao seu lado no trabalho. Era a única pessoa que ainda insistia em arrancar opiniões da colega. Era a única também que a chamava para almoçar.

Eduarda foi também a única visita que Dulce recebera em casa. Foram duas vezes, quando ela fez uma cirurgia no dente e outra no aniversário de onze anos de Dante. Foi uma tarde agradável em que ela riu, se divertiu, ficou sabendo histórias da redação do jornal, dos poucos funcionários antigos que ainda estavam na ativa, e recebeu uma crítica educada de sua colega:

— Dulce, você é muito nova para ficar em casa trancada com um cachorro. Você não faz uma atividade física, não interage com outras pessoas, não sai, não viaja. Não é possível que seja feliz assim!

Dulce não gostou. Achou extremamente ofensivo o comentário de Eduarda. Desconversou e tratou de apressar a comemoração. Decidiu que não convidaria mais a colega para ir à sua casa. Ninguém tinha o direito de julgá-la.

A vila na qual Dulce morava tinha dez casas. Eram pequenas casas coloridas, todas de mesmo tamanho e padrão. Casas planas com dois quartos, banheiro, sala, cozinha, uma área na parte de trás e uma pequena varanda logo na entrada, onde Dulce pendurava diariamente uma rede cor de palha, mas que nunca usava. Passou a fazer parte de uma espécie de ritual pendurar a rede e no final do dia enrolá-la e guardá-la. Alguns vizinhos reparavam nisso e imaginavam que ela poderia estar sempre esperando alguém.

Quando ela foi morar lá havia um jardim florido, que diariamente ela regava. Flores perfumadas, uma pequena área gramada e verde. Aos poucos, Dulce parou de cuidar do jardim, que foi ficando seco, sem vida, abandonado. E um pouco antes de Dante chegar em sua vida, ela mandou cimentar tudo e aproveitou para pintar a casa toda de branco. No meio das casinhas coloridas da vila a de Dulce destoava. Era branca, sem jardim, com a janela e porta da sala sempre fechadas, dando sinal de que estava ocupada somente pela rede cor de palha na varanda.

Os dias passavam. Dulce saía com Dante para passear e levá-lo ao petshop. Ia ao mercado, cozinhava e comia sozinha. Corria com uma vassoura na mão para espantar as crianças que tocavam a campainha e fugiam. Xingava o vizinho que insistia em estacionar o carro na sombra da árvore de sua calçada. Mandou cortar a árvore.

Certa vez, alguém garantiu ter visto Dulce e Dante deitados na rede da varanda balançando. Ouviram-se risadas e latidos.

Dante viveu até os quinze anos. Tempo bom para um cãozinho vira-lata que poderia não ter passado do seu primeiro ano de vida.

Após a última ida ao hospital veterinário Dulce nunca mais foi vista. Diziam que ela havia enlouquecido. Podia ter adotado outro cachorro, pensavam os vizinhos.

A rede cor de palha, porém, continuava estendida na varanda.

SOBRE OS AUTORES

João Marcos Buch tornou-se juiz aos 24 anos. Nos últimos anos à frente da vara de execuções penais da Comarca de Joinville-SC, por meio de projetos culturais como literatura no cárcere, música e arte, mais diálogos em todos os ambientes, provocou mudanças de pensamento na sociedade, que passou a demandar investimentos no sistema prisional como condição para respeito à dignidade da pessoa humana e redução da violência. Mestre em hermenêutica constitucional, pós graduado em criminologia e política criminal, com livros técnicos publicados, já visitou penitenciárias na Alemanha, Itália, França e EUA, onde pode avaliar as políticas públicas relativas aos direitos fundamentais, é formador da Escola Nacional de Formação e Aperfeiçoamento de Magistrados, lecionando para juizes recém ingressos em vários Tribunais do país. Pautado pela ética, é autor de livros técnicos, romance, novela e livros de crônicas sobre sua vida como juiz. Algumas de suas obras publicadas são: *Encontre-me no café em Paris* (Editora Insular); *Crônicas relatos vivências* (Editora Giostri); *Diário de bordo de um juiz das causas humanas* (Editora Giostri); *Retroceder jamais* (Editora Giostri); *Juiz de si juiz do mundo* (Editora Giostri); *Juiz achado na rua* (Editora Giostri); *Tortura* (Editora Giostri); *Crônicas de um juiz que solta* (Editora Giostri); *Um juiz na era do ódio* (Editora Giostri).

Tiago Germano é escritor e jornalista paraibano. Autor do romance *A Mulher Faminta* (Moinhos, 2018) e da coletânea de crônicas *Demônios Domésticos* (Le Chien, 2017), vencedora do Prêmio Mínuano e indicada ao Prêmio Jabuti. Mestre e doutorando em escrita criativa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), é bolsista do Programa de Internacionalização da CAPES na School of Literature, Drama and Creative Writing da Universidade de East Anglia (UEA), em Norwich (Inglaterra), por onde já passaram escritores como Ian McEwan e Kazuo Ishiguro. Seu romance *O Que Pesa no Norte* será lançado ainda este ano pela editora Moinhos.

Manuella Bezerra de Melo é licenciada em Jornalismo, pós-graduada em Literatura e Interculturalidade e mestre em Teoria da Literatura e Literaturas Lusófonas. Publicou *Desanônima* (Editora Autografia, 2017), *Existem Sonhos na Rua Amarela* (Editora Multifoco, 2018) e *Pés Pequenos pra Tanto Corpo* (Editora Urutau, 2019). Participa do coletivo Palavra Voa, onde opera como facilitadora, moderadora e realizadora em atividades literárias. Já teve seus poemas publicados em portais, blogs e revistas literárias brasileiras e portuguesas, entre elas Etudes Lusophones, Incomunidade, Escamandro, Germina, Revista Pixé, Revista Gueto, Revista Palavra Comum e Mulheres que Escrevem.

Alexandre Marques Rodrigues é autor de *Porca* (Editora Record, 2019), *Entropia* (Editora Record, 2016; Teodolito, 2017) e *Parafilias* (Editora Record, 2014; Editora Teodolito, 2018).

Raimundo Neto nasceu em Batalha, no Piauí, onde viveu até 2014. Venceu o Prêmio Paraná de Literatura com o seu livro de contos *Todo esse amor que inventamos para nós* (Editora Moinhos), e foi finalista do Prêmio Sesc de Literatura com romance inédito. Integra a antologia brasileira escritas por LGBTQs *A resistência do vaga-lumes* (Editora Nós) e a coletânea de contistas piauienses *Caçua* (Fundapi). Foi colaborador da revista eletrônica São Paulo Review. Mora em São Paulo e trabalha como psicólogo e garantia de direitos de crianças e adolescente no Tribunal de Justiça do Estado.

Paulo Dutra, fluminense de São João de Meriti, é doutor em literatura latino-americana, Purdue University (EUA), e assistant professor na University of New Mexico (EUA). É autor do livro de contos *Aversão oficial: resumida* (Malê, 2018) e do livro de poemas *abliterações* (Malê, 2019). Instagram: poetapaulodutra.

Flávia Rocha é autora de três livros de poemas: *A Casa Azul ao Meio-Dia* (Travessa dos Editores, 2009), *Quartos Habitáveis* (Confraria do Vento, 2011) e *Um País* (Confraria do Vento, 2005). Seus poemas, traduções e ensaios foram publicados em diversas revistas brasileiras e internacionais. Tem mestrado em Escrita Criativa pela Columbia University, e por 13 anos foi editora da revista literária americana Rattapallax. É também jornalista e roteirista. Atualmente vive em Portland, Oregon, Estados Unidos.

Rosângela Vieira Rocha nasceu em Inhapim, MG. Tem treze obras publicadas, seis para adultos (cinco romances e um livro de contos) e sete infantojuvenis. Recebeu vários prêmios literários, como o Prêmio Nacional de Literatura Editora UFMG-1988, com o romance *Véspera de lua*, e a Bolsa Brasília de Produção Literária 2001, com a novela Rio das pedras. Publicou o romance *O indizível sentido do amor* (Editora Patuá, 2017) e *Nenhum espelho reflete seu rosto* (Editora Arribaçã, 2019). Participou de diversas coletâneas de contos. É Mestre em Comunicação, escritora, advogada, jornalista e professora aposentada da FAC/UnB. Colunista da revista digital literária Germina, já participou de várias comissões julgadoras de concursos literários.

Aciomar Fernandes de Oliveira é palestrante, escritor, professor do Departamento de Letras da UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais). Mestre em Teoria da literatura pela Universidade Federal de Minas Gerais (2010). Atua na equipe de pesquisa do Neia — Núcleo de estudos da Alteridade da UFMG. Coordena o NIEHLAFRO — Núcleo de estudos em diáspora. É auxiliar de pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais. Membro colaborador da Comissão de Promoção da Igualdade Racial da OAB MG. Atua na comissão editorial da Revista Bantu, da UEMG. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: Poesia Contemporânea, Literaturas de Diásporas, Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Produção de textos. É professor da rede estadual de ensino fundamental e médio de MG.

Rafa Carvalho é um poeta brasileiro que carrega em seu corpo raízes do mundo inteiro e a poesia como raiz de todas as artes e gêneros literários, como da vida em si. Soma 16 anos de carreira, com trabalhos em arte e educação por mais de 20 países. Integrou o coletivo Poetas del 15 Mayo na Espanha em 2011, tendo parte em sua antologia homônima. É autor de *auto-mar* (poesia; Editora Patuá) lançado no Brasil e em Angola; e *contas de mar* (contos; Editora Pontes). Finalista do Prêmio Sesc de Literatura, tem forte atuação social em sua comunidade periférica de origem e por onde esteja. Curador do projeto “papos de versos”, idealizador do Sarau da Dalva, é um forte representante do fundamento antropofágico e cada vez mais considerado por sua capacidade de criar pontes, entre o aparente incompatível.

Leonardo Tonus é professor Livre Docente em literatura brasileira no Departamento de Estudos Lusófonos na Sorbonne Université (França). Membro do Conselho Editorial e do Comitê de Redação de diversas revistas internacionais, atua nas áreas de literatura brasileira contemporânea, teoria literária e literatura comparada com pesquisa sobre imigração. Em 2014 foi condecorado pelo Ministério de Educação francês Chevalier das Palmas Acadêmicas e, em 2015, Chevalier das Artes e das Letras pelo Ministério da Cultura francês. Foi Curador do Salon du Livre de Paris de 2015 que teve o Brasil como país homenageado e, em 2016, da exposição Oswald de Andrade: passeur anthropophage no Centre Georges Pompidou (França). É o idealizador e organizador desde 2014 do festival literário internacional Printemps Littéraire Brésilien. Participou da Delegação Oficial brasileira no Salão do Livro de Göteborg (Suécia) em 2014 e 2016 e atuou como moderador de diversos eventos literários internacionais (Flip, 2017; Salon du Livre de Paris, entre 2012 e 2018, Salão do Livro de Göteborg, 2014 e 2016). Publicou artigos acadêmicos sobre autores brasileiros contemporâneos e coordenou a publicação, entre outros, dos ensaios inéditos do escritor Samuel Rawet (*Samuel Rawet: ensaios reunidos*, 2008), do número 41 da Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, da edição especial da Revista Ibéric@l, em torno da nova cena literária no Brasil e das antologias *La littérature brésilienne contemporaine — spécial Salon du Livre de Paris 2015* (Revista Pessoa, 2015), *Olhar Paris* (Editora Nós, 2016), *Escrever Berlim* (Editora Nós, 2017) e *Min al mahjar ila al watan (Da Terra de*

Migração Para a Terra Natal, Revista Pessoa/Editora Mombak; Abu Dhabi Departement of Culture and Tourism/Kalima, 2019). Em 2018 lançou sua primeira coletânea de poesias intitulada *Agora Vai Ser Assim* (Editora Nós, 2018) e vários de seus poemas já tiveram publicação em antologias e revistas nacionais (*A resistência dos vagalumes*, 2019; *Em tempos de pós-democracia*, 2019; *O que resta das coisas*, 2018 — finalista do Prêmio Ages 2019) e internacionais (*Aosnoivoirquinos*, New York, 2019). Seu livro mais recente é *Inquietações em tempos de insônia* (poesia, Editora Nós, 2019).

Márcio Benjamin Costa Ribeiro é um natalense do Estado do Rio Grande do Norte de 40 anos, que trabalha como advogado, formado pela UFRN, e costuma apresentar-se como um escravo das letras. Autor de romances e livros de contos folclóricos (*Maldito Sertão*, *Fome e Agouro*), também já fez muita gente rir com suas peças de teatro (*Hippie-Drive*, *Flores de Plástico*, *Ultraje*). Figura tarimbada em projetos do Sesc (Arte da Palavra, Mostra Sesc de Culturas, Mostra Sesc Cariri, Flipelô), representou o Estado em Feiras Nacionais (Bienal do Livro do Ceará) e Internacionais (Primavera Literária de Paris e Feira do Livro de Paris), tendo sido convidado, inclusive, pelas Universidade de Brown (Providence) e Columbia (Nova York), ambas nos Estados Unidos, para a Primavera Literária de 2020, onde palestrará e apresentará a tradução do seu livro *Maldito Sertão* para o inglês, chamado “Cursed Badlands”. É roteirista de webséries (*Flores de Plástico*, *Holísticos*, *Dê seus pulos* e *Crisinha e Graça*) e curtas — metragens (*Erva Botão*, *Linha de Trem* e *Pela Última Vez*), e agora trabalha no roteiro de seu primeiro longa-metragem, *Quebrando o gelo*. Gosta de pensar que pode escrever pra sempre. Pelo menos é o que prometem as vozes em sua cabeça.

Lúcia Bettencourt escreve contos, romances, ensaios, livros infantis e poemas. É formada em Português-Literaturas pela UFRJ, com Masters em Spanish and Portuguese em Yale, e doutorado na UFF (Universidade Federal Fluminense). Colabora em jornais e revistas literárias. Seus contos estão traduzidos e publicados em revistas de língua inglesa, francesa e espanhola. Dentre os prêmios recebidos destacam-se ABL e Sesc.

Deborah Dornellas, carioca criada em Brasília, é escritora, jornalista, tradutora e aprendiz de artista plástica. É formada em Letras (PUCCamp, 1981) e Comunicação (Jornalismo, UnB, 1992), mestra em História (UnB, 2001) e pós-graduada em Formação de Escritores (ISE-Vera Cruz-SP, 2014). Em 2012, publicou *Triz* (In House), uma reunião de poemas. Desde 2013, integra o Coletivo Literário Martelinho de Ouro e tem participado de todas as publicações do grupo. Foi uma das autoras convidadas a participar do *Printemps Litteraire 2020*. *Por cima do mar*, seu romance de estreia, foi o vencedor do Prêmio Literário Casa de las Américas 2019, na categoria Literatura Brasileira.

Leonardo Valente é escritor, jornalista, professor de Relações Internacionais e diretor do Instituto de Relações Internacionais e Defesa da UFRJ. Em ficção, publicou os romances *Charlotte Tábuá Rasa* (2016), *O beijo da Pombagira* (Editora Mondrongo: 2019), finalista do Prêmio Rio de Literatura, e a antologia *Apoteose* (Editora Mondrongo 2018), finalista do Prêmio Sesc de Literatura. É junto com Carol Proner organizador da coletânea *Antifascistas* (Editora Mondrongo 2020), que reúne 32 autores que formam parte relevante da literatura lusófona contemporânea. Um de seus originais ainda não publicados, o romance *A procissão*, foi vencedor do Prêmio José de Alencar, da União Brasileira de Escritores (UBE), em 2017. Foi um dos escritores convidados para a Primavera Literária Brasileira 2019 e 2020, na Europa.

Virna Teixeira nasceu em Fortaleza em 1971. Poeta, tradutora, contista e editora. Seus livros de poesia foram publicados na América Latina, Portugal e Reino Unido. Virna tem um trabalho prolífico como tradutora, e publicou títulos de poesia escocesa, sul americana e francesa; numerosas traduções de língua inglesa; e versões de poesia brasileira para o inglês. Vive em Londres e dirige um projeto editorial independente, Carnival Press, além de editar a revista bilingue Theodora. Ela também é médica e trabalha em hospital psiquiátricos no NHS.

Angélica Amâncio é doutora em Literatura Comparada pela UFMG, em cotutela com a Université Paris Diderot — Paris 7. É pós-doutora em Literatura francesa, pela USP, e em Literatura lusófona, pela Université Sorbonne Nouvelle. Atualmente, é leitora de português na École Normale Supérieure, em Lyon, e chargée de cours no departamento de Estudo Ibéricos e Latinos-Americanos (EILA) e na l'ESIT (École supérieure d'interprètes et de traducteurs) — Paris 3. Suas pesquisas são voltadas, sobretudo, para as relações entre Literatura, outras artes e mídias. É também poeta, autora do livro *Adagio ma non troppo e outras canções sem palavras* (2015).

João Maria Cícero é escritor e parte do professor João Nemi Neto. Ele mora em Nova York e dá aulas de português. Como poeta, ele já fez parte da coletânea *Tente Entender o que tento dizer. Poesia: HIV/ AIDS* organizado pelo poeta Ramon Nunes Melo (Bazar do Tempo, 2018). Ele também colaborou com um coletivo de escritores latino-americanos para o livro *The US without us* (Sangría Editores, 2016). Seu último livro *Corpo(s)* (2017) foi publicado pela Editora Giostri em São Paulo. Como professor, ele escreve sobre sobre Pedagogia e teoria queer com foco em sexualidade e gênero. Seus artigos já saíram nas Revistas Foreign Policies, Intellectus entre outras. Seu próximo livro, *Anthropophagic Queer: Contemporary Brazilian Cinema*, sai em 2020 pela Wayne State University Press nos Estados Unidos.

Rodrigo Novaes de Almeida (Rio de Janeiro, 1976) é escritor, jornalista e editor. Formado em Comunicação Social — Jornalismo, com pós-graduação em *Publishing* e passagens pelas editoras Apicuri, Saraiva, Ibeb, Ática e Estação Liberdade. Autor dos livros *Carnebruta* (Contos, Editora Apicuri e Editora Oito e Meio, 2012), *Das pequenas corrupções cotidianas que nos levam à barbárie e outros contos* (Editora Patuá, 2018), finalista do 61º Prêmio Jabuti na categoria Contos, em 2019, e *A clareira e a cidade* (Poesia, Editora Urutau, 2020), entre outros. É fundador e editor-chefe da Revista Gueto e do selo Gueto Editorial, projetos de divulgação de literatura em língua portuguesa e celeiro de novos autores.

Lucius de Mello é doutorando em Letras na Sorbonne Université — Paris e na Universidade de São Paulo. Escritor e jornalista. Segundo lugar no Prêmio Jabuti (2003), na categoria melhor reportagem/biografia, com o livro *Eny e o Grande Bordel Brasileiro* (Objetiva, 2002; Planeta, 2015), obra em processo de adaptação para série de TV, nos Estados Unidos, renomeada *Madame Eny*, em co-produção brasileira e americana para plataforma de *streaming*. Autor do ensaio *Dois irmãos e seus precursores* — o mito e a *Bíblia* na obra de Milton Hatoum (Humanitas, 2014), resultado da dissertação de mestrado defendida na USP (2013). Sua pesquisa de doutorado investiga o sonho de Balzac de escrever uma *Bíblia* Mundana, tomando como base as influências e as conexões entre *A Comédia Humana* e a narrativa bíblica. Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação da Universidade de São Paulo (LEER-USP). Autor convidado da Primavera Literária, Paris (2020).

Kátia Bandeira de Mello Gerlach, natural do Rio de Janeiro, é escritora-poeta-artista visual radicada em Nova York desde 1998. Seu trabalho é fortemente marcado pelo movimento surrealista e pela patafísica. É curadora da Revista *Philos*. Os seus livros, dentre eles *Colisões Bestiais* (Partícula)res, são publicados pela Confraria do Vento. Foi homenageada pela Flipoços 2019 como escritora sem fronteiras, pelo seu trabalho de divulgação internacional da literatura brasileira e compõe o elenco de escritores do Clube de Leitura do Instituto Moreira Salles em Poços de Caldas, organizado pelo professor Sérgio Montero Aguiar.

Fred Di Giacomo é escritor e jornalista; caipira punk nascido e criado em Penápolis, sertão paulista. Seu romance de estreia *Desamparo* (Reformatório, 2018) foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura. Quando dava aulas de jornalismo para jovens de periferia na Énois, coordenou e editou o Prato Firmeza: guia gastronômico das quebradas de SP, finalista do Prêmio Jabuti. Toca contrabaixo e rabisca versos na Bedibê e escreve na coluna Arte fora dos centros do portal UOL.

Carolyne Wright. Seus livros mais recentes são *This Dream the World: New & Selected Poems* (Lost Horse Press, 2017), cujo poema título recebeu um Prêmio Pushcart e apareceu em *The Best American Poetry 2009*; e o volume bilíngue da poeta chilena Eugenia Toledo, *Trazas de mapa, trazas de sangre / Map Traces, Blood Traces* (Mayapple Press, 2017). Carolyne passou um ano no Chile em uma Bolsa de Estudo Fulbright, e também viajou pelo Brasil. Ela voltou ao Brasil em 2018 em uma residência artística do Instituto Sacatar na Ilha de Itaparica, Bahia. Desde então, da sua casa em Seattle, ela escreve sobre a Bahia e traduz poesia do português, inclusive a obra de Leonardo Tonus.

Maira Garcia nasceu em Ribeirão Pires, uma das cidades que integram a Grande São Paulo. Formada em Propaganda pela Eca-USP, é uma das mediadoras da Roda de Poesia e do Sarau Constelação Poética do Centro de Arte e Promoção Social do Grajaú, onde também é voluntária na Comunicação. Redatora, cantora e compositora, se assumiu poeta depois dos 40. Em 2011 começa o blog *Depois da Lua de Ontem*, hoje com mais de 3.100 textos escritos dentro do trem que sai do ABC para São Paulo. Em 2019, lança seu livro pela Editora Patuá, *Depois da Lua de Ontem*, onde se transfigura também em loba, astronauta e alienígena. No mesmo ano participa de mediações em rodas de poesia no Sesc São Paulo, nas unidades Interlagos, Itaquera e no Senac Aclimação. Em 2020 é selecionada para o Clipe de Poesia da Casa das Rosas e é convidada para a Primavera Literária Brasileira em Paris e Braga.

Ana Squilanti nasceu em Indaiatuba, interior de São Paulo, em 1989. É escritora, roteirista e farmacêutica. Seu primeiro livro *Costuras para fora* (Editora Nós, 2019) foi contemplado pelo Edital de Estreantes da Secretaria Municipal de Cultura de SP.

Mariana Salomão Carrara é paulistana, Defensora Pública, nascida em 1986. Tem publicados um livro de contos (*Delicada uma de nós — Off-Flip*, 2015), e os romances *Fadas e copos no canto da casa* (Quintal Edições, 2017), e *Se deus me chamar não vou* (Editoras Nós, 2019). Por contos e poemas, recebeu prêmios nacionais como Off-Flip (2012), Sesc-DF, Felipe D'Oliveira (2015 e 2016), Sinecol, Josué Guimarães e Ignácio de Loyola Brandão. Recebeu o segundo lugar no Prêmio Guiões (Portugal, 2019) pelo roteiro de longa-metragem *É lá que eu quero morar*. Integra o Coletivo literário Água na Peneira.

Christiane Angelotti é escritora, fonoaudióloga, especialista em Distúrbios da Comunicação / Neuroreabilitação, editora de livros de literatura, literatura infantojuvenil e educação. Desde 2002 trabalha com conteúdo para sites infantis. Tem textos publicados em livros didáticos e sites de educação. É produtora de conteúdo, pesquisadora em infância e educação, fundadora do portal Para Educar.



selo gueto editorial

este projeto digital é destinado a correr livre na rede
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo